

CHAPADA

Trekking Vale do Pati - Julho/2015

Chapada Diamantina - Bahia

ÍNDICE

Introdução	5
A Chapada Diamantina	6
Breve História da Chapada.....	6
Lençóis	7
O Vale do Capão	7
Igatú.....	8
Mucugê	8
Relato da Indiada na Chapada	9
1º Dia – A esperada viagem	9
2º Dia – Lençóis / Pratinha / Vale do Capão	13
3º Dia – Vale do Capão / Cachoeira da Fumaça	18
4º Dia – Guiné / Início do Trekking Vale do Pati	23
5º Dia – Rumo ao Cachoeirão	28
6º Dia – O dia do Morro do Castelo	31
7º Dia – Rumo à casa do Senhor Joia	37
8º Dia – A ladeira do império	41
9º Dia – Poço Encantado e Poço Azul.....	44
10º Dia – Buracão, aí vamos nós.....	47
11º Dia – Hora de voltar pra casa.....	50
Mapa Trekking Vale do Pati	51
Mapa Turístico Chapada Diamantina	52
Depoimentos dos Índios	53
Algumas Dicas Importantes	54
Considerações Finais	55

INDICE DE FIGURAS

Figura 1: Camiseta Especial da Aventura.....	9
Figura 2: Indiada no Aeroporto de Salvador	10
Figura 3: Animação após pouso em Lençóis	11
Figura 4: Dominamos o pagode	12
Figura 5: Pousada Pouso da Trilha em Lençóis	13
Figura 6: Morro do Pai Inácio.....	13
Figura 7: Gruta da Pratinha.....	14
Figura 8: Cobrinha que deu um susto na galera	15
Figura 9: Banho no Rio Pratinha.....	15
Figura 10: Pôr do Sol no Morro do Pai Inácio	16
Figura 11: Pizzaria no Vale do Capão.....	17
Figura 12: Umbigo ou "Imbigo"?.....	18
Figura 13: Subida para Cachoeira da Fumaça	19
Figura 14: Caminhando descalços.....	19
Figura 15: Cachoeira da Fumaça	20
Figura 16: Vista para o Morrão	21
Figura 17: Terroá cafés especiais	22
Figura 18: Início do Trekking em Guiné	24
Figura 19: Almoço no Rio Preto	24
Figura 20: Gerais do Rio Preto	25
Figura 21: Mirante do Vale do Pati.....	26
Figura 22: Muita lama na trilha	26
Figura 23: Chimarrão no Vale do Pati.....	27
Figura 24: Visual da janela do alojamento.....	27
Figura 25: Mirante do Cachoeirão (Tempo Fechado).....	28
Figura 26: Mirante do Cachoeirão (Tempo Aberto)	29
Figura 27: Morro do Cruzeiro – Vale do Pati.....	29
Figura 28: Lavando os apetrechos.....	30
Figura 29: Subida do Morro do Cruzeiro	31
Figura 30: Rumo à Casa do André	32
Figura 31: Visual da casa do André.....	32
Figura 32: Visual do Morro do Castelo	33

Figura 33: Entrada da Caverna	33
Figura 34: Visual do Morro do Castelo	34
Figura 35: Caverna do Morro do Castelo	35
Figura 36: Sr. Zé moendo cana	35
Figura 37: Carlitos, camisa da Indiada e a Ivete Sangalo	36
Figura 38: Casa do André e Morro do Sobrado	37
Figura 39: Café da manhã Chapada Trekking	37
Figura 40: Morro do Castelo	38
Figura 41: Jiboia Arco Íris	38
Figura 42: Lanche na Beira do Rio	39
Figura 43: Chegando à casa do Senhor Joia	39
Figura 44: Ladeira do Império	41
Figura 45: Chegada à Andaraí	42
Figura 46: Pousada Pedras de Igatú	43
Figura 47: Poço Encantado	44
Figura 48: Travessia do Rio Paraguaçu	45
Figura 49: Flutuação no Poço Azul	46
Figura 50: Chegada ao Buracão	47
Figura 51: Cânion do Buracão	48
Figura 52: Cachoeira do Buracão	48
Figura 53: Retornando à Igatú	49
Figura 54: Ajudando na construção	50
Figura 55: Mapa Trekking Vale do Pati	51
Figura 56: Mapa Turístico Chapada Diamantina	52

Introdução

Nossa viagem “Indiada na Chapada” 2015 foi lançada em Novembro de 2014 pela Indiada Buena Aventuras. Desde então, programamos os pagamentos e iniciamos a preparação para a grande aventura. A expectativa de todos era grande, as fotos e comentários da primeira edição realizada em 2013 eram muito motivadores para todos os participantes.

Dessa vez a turma era formada por 14 índios, todos com muitas indiadas e outras aventuras na bagagem, mas para alguns esta seria a maior aventura da sua vida, considerando que o Trekking do Vale do Pati é realizado numa travessia de cinco (5) dias e quatro (4) noites dormindo nas casas dos Nativos. Mais uma vez fizemos uma grande parceria com o Dmitri de Igatú, proprietário e condutor da Chapada Trekking Montanhismo.

A programação desta edição foi composta por 11 dias de viagem, contemplando alguns passeios pelos melhores atrativos turísticos da Chapada, como a Gruta da Pratinha, o Morro do Pai Inácio, Poço Azul e Poço Encantado, além disso, o conhecido Trekking do Vale do Pati e as Caminhadas até a Cachoeira da Fumaça por cima e a Cachoeira do Buracão em Ibicoara no Parque Municipal do Espalhado.

Uma Aventura Sensacional! É assim que podemos resumir a 127ª Edição das Indiadas realizada na Chapada Diamantina na BAHIA de 16 a 26 de Julho de 2015. A seguir descrevemos dia a dia os melhores e mais inusitados momentos da viagem. Procuramos descrever os fatos e histórias através de uma linguagem simples e usando alguns jargões tradicionais do modo “gauches” de falar. Esperamos que você amigo leitor consiga imaginar e reviver conosco as boas lembranças apresentadas nas próximas páginas deste relato.

Tchê! Bueno! Então vamos lá, te ajeita na poltrona, na cadeira, no sofá, na cama, te prepara pra viajar conosco através da leitura deste relato. Para quem participou desejo as melhores lembranças, para quem ainda não foi veja as nossas fotos e use a imaginação sem moderação.

A Chapada Diamantina

Localizada no coração da Bahia, a Chapada Diamantina é considerada um oásis em pleno sertão nordestino, com temperaturas amenas e reduto para diversas nascentes. Formada por dezenas de municípios, com quase 40 mil km², a região foi desenhada ao longo de bilhões de anos, quando as chuvas, os ventos e os rios esculpiram as rochas, criando vales e montanhas.

Da exploração de minérios às mais diferentes formas de turismo, a Chapada ficou conhecida em todo o mundo pela sua beleza cênica. A cultura garimpeira deixou o seu legado e, junto com tantas outras, deu sentimento, sabor e identidade à Chapada. Com uma rica arquitetura, em grande parte, tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o lugar é um reduto para o intercâmbio cultural entre nativos e turistas. Sede do segundo maior parque nacional do Brasil e berço para espécies de plantas e animais exclusivas, o destino recebe milhares de visitantes a cada ano, ávidos por experimentar os diferentes atrativos das localidades que compõem a região, com direito a uma boa dose de adrenalina, afinal, não é à toa que a Chapada Diamantina é referência no turismo de aventura no Brasil.

Breve História da Chapada

Os primeiros habitantes da Chapada Diamantina foram os índios. No século 17 chegaram os negros e os portugueses, que iniciaram uma economia baseada na exploração da agropecuária, e mais tarde, no garimpo de diamantes.

A Chapada foi sendo povoada gradativamente por grandes fazendas e comunidades quilombolas (*Comunidades remanescentes de quilombos, onde os escravos se refugiavam*), até que foram descobertos o ouro e o diamante, iniciando o ciclo do garimpo. A exploração do ouro perdurou por quase um século. Nessa época, foi construída a chamada Estrada Real para transportar o minério, que ligava a Chapada de Norte a Sul, de Jacobina a Rio de Contas. Com o declínio da produção aurífera, começa a exploração dos diamantes, responsável por trazer uma nova povoação à região, negociando com mercadores franceses, ingleses e alemães, mas que durou apenas 26 anos. A exploração da pedra começou em Mucugê, expandindo-se para o norte e para o sul, criando novos povoados, como Barra da Estiva, Rio de Contas, Igatú, Andaraí, Lençóis até Morro do Chapéu, definindo assim a região que passou a ser denominada de Chapada Diamantina, fazendo alusão à abundância do mineral e a sua formação geológica.

Por volta de 1870, o ciclo do diamante entra em decadência e no início do século 20, o diamante de aluvião se esgota e se inicia a era dos coronéis, em que as famílias dominantes

disputavam o poder sobre o território. A principal figura desta época foi a do Coronel Horácio de Mattos, com memoráveis participações históricas, incluindo a ligação com Lampião (*Virgulino Ferreira da Silva, foi o principal integrante do Cangaço, movimento do nordeste brasileiro no início do século XX marcado por ações violentas*), e a perseguição à Coluna Prestes (*Movimento político-militar, existente entre 1925 a 1927, que percorreu mais de 24 mil km no interior do Brasil pregando reformas político-sociais e lutando contra a República Velha*). Entre 1980 e 1996 a economia da região foi reaquecida com base na extração mecanizada de diamante, que foi finalmente proibida com a criação do Parque Nacional da Chapada Diamantina, dando início ao turismo.

Lençóis

Tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), esta pequena cidade é o portal da Chapada Diamantina, graças à sua infraestrutura hoteleira, com cerca de dois mil leitos, aos seus restaurantes de alto nível e aos voos regulares vindos de Salvador. Nos últimos anos, Lençóis vem ganhando ares cosmopolitas, com habitantes vindos de todos os cantos do mundo. Os seus principais atrativos são: os casarios do século 19; a história e cultura herdadas do garimpo; a Serra do Sincorá e os mais de 20 atrativos naturais de fácil acesso em toda a sua volta. Muitos estão localizados próximo ao perímetro urbano, como os poços do Serrano. Lençóis também concentra o maior número de agências de turismo, que organizam passeios para toda Chapada Diamantina. Para completar, a cidade possui uma agenda cultural diversificada, com opções que variam de festas tradicionais, como o São João, a shows de MPB, como o Festival de Lençóis.

O Vale do Capão

O Vale do Capão é uma atração por si só. Incrustado no meio do Parque Nacional da Chapada Diamantina, é cercado por serras. Ele é mais do que um santuário ecológico: é um lugar fascinante! O clima de esoterismo, paz e magia estão presentes no dia a dia local e foram trazidos por jovens ainda embalados pelos sonhos dos anos 70. Hoje, muitas pessoas continuam chegando dos grandes centros urbanos à procura de autoconhecimento, espiritualidade, contemplação e uma vida mais naturalista. Por isso, lá é possível fazer os tradicionais passeios de ecoturismo e, de quebra, provar pratos inusitados, como o pastel de palmito de jaca e a pizza integral. Sem falar nos tratamentos da medicina holística à base de ervas e plantas medicinais, nas sessões de sauna indígena e nas massagens de “*shiatsu*”. No Vale do Capão, também é possível ter acesso a alguns dos lugares mais famosos da região, como a Cachoeira da Fumaça e o Morrão. A atração cultural que mais chama a atenção dos turistas é o Festival de Jazz do Capão, com shows de artistas renomados da música instrumental brasileira.

Igatú

A pequena vila de Igatú viveu o apogeu e a decadência do garimpo, deixando os sinais de sua história estampados na arquitetura e no estilo de vida tranquilo dos moradores. O vilarejo é tombado como patrimônio nacional pelo Instituto Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e possui diversos atrativos especiais, como as ruínas das casas de pedra construídas pelos garimpeiros, que deram ao local o apelido de Machu Picchu brasileira. Outra surpresa para os visitantes é a Galeria Arte e Memória, um museu a céu aberto, que guarda utensílios do garimpo e dos escravos, além de realizar exposições temporárias de artistas plásticos renomados. Com seis cachoeiras ao seu redor, Igatú também dispõe de trilhas que seguem para diversas atrações naturais, como o Vale do Pati, sendo, ainda, um dos destinos preferidos para quem curte escalada. A festa de São João é o destaque do calendário cultural.

Mucugê

Nesta linda cidade, foram descobertos os primeiros diamantes da Chapada Diamantina, em 1844. Uma de suas atrações mais interessantes é o único cemitério de estilo bizantino do Brasil, que chama a atenção de quem chega à cidade. Ele é composto por jazidas em forma de igreja, todas pintadas de branco, que lembram o estilo arquitetônico neogótico de meados do século XVIII. Mucugê também é tombada como patrimônio nacional pelo Instituto Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e foi construída nas margens da Serra do Sincorá. Rodeada por montanhas, a temperatura média na cidade é de 19°C. O seu principal destaque é o Parque Municipal de Mucugê, onde está localizado o Parque Sempre-Viva, projeto bem-sucedido de educação e preservação ambiental, além do Museu Vivo do Garimpo. É também um município privilegiado, já que 52% do seu território são cobertos pelo Parque Nacional da Chapada Diamantina. As principais atrações culturais da cidade são os festejos de São João, o Festival de Chorinho e o Vozes na Chapada.

Fonte: <http://www.guiachapadadiamantina.com.br>

Mapa do Parque: <http://www.guiachapadadiamantina.com.br/parque-nacional/mapa-do-parque/>

Relato da Indiada na Chapada

Por: Cristiano da Cruz

1º Dia – A esperada viagem

Dia 16/07/2015 (Quinta Feira), 3 horas da madrugada. Chuva e frio em Bento Gonçalves na Serra Gaúcha. Nos encontramos em frente à Igreja Cristo Rei para partir de Van rumo à Capital dos Gaúchos. Nosso voo estava marcado para decolar às 06h13min. Viagem tranquila até o Aeroporto. Chegamos e nos reunimos próximo à entrada dos guichês da TAM, o Check In já havia sido feito pela Internet. Reunimos todos para as primeiras instruções da nossa viagem de 11 dias pela Chapada. Encontramos com o Índio Porto Alegre Eduardo Koiti Hita que completou a turma de 14 índios. Foram entregues as camisetas feitas especialmente para o Grupo com o logo: “Indiada na Chapada”, a camiseta ficou tri legal, todos gostaram.



Figura 1: Camiseta Especial da Aventura

Foram entregues também etiquetas de bagagem com nome, cidade e telefone de cada índio. Compramos sacos plásticos para embalar nossas mochilas para protegê-las durante o processo de despacho da bagagem. Pra finalizar foi entregue um pequeno resumo com dicas e orientações gerais para ser lembrado por todos durante a viagem. Tudo organizado, partimos juntos para o despacho da bagagem, era perceptível no rosto de cada um a empolgação para a viagem e por tudo que viria pela frente. Uma parada rápida para um cafezinho antes do embarque, ficamos pasmos com o preço das coisas, um absurdo os valores cobrados, foram 24 reais por um simples misto quente e um café. Mas que barbaridade!

Nosso trajeto até Salvador incluía uma conexão no Rio de Janeiro, a viagem de pouco menos de duas horas foi tranquila, tempo bom e céu azul acima das nossas cabeças. Chegamos ao RJ por volta das 8 horas e o próximo voo para Salvador estava marcado para as 09h06min. Fomos todos juntos direto para o embarque. A viagem do Rio de Janeiro até Salvador também transcorreu tranquilamente, pousamos na Capital dos Baianos por volta das 11h20min. Nosso próximo voo para Lençóis era através da AZUL/TRIP, por isso, tivemos que pegar nossa bagagem e depois despachar novamente. Optamos por fazer o despacho logo para evitar ficar carregando a bagagem pelo aeroporto. Nosso próximo e último voo do dia para Lençóis estava marcado para as 13h33min, assim, decidimos almoçar por ali mesmo. Almoço livre, cada um decidiu onde e o que comer. Marcamos nosso reencontro para as 12h45min em frente ao BOB's na praça de alimentação.



Figura 2: Indiada no Aeroporto de Salvador

Tiramos a primeira de muitas fotos dos 14 índios reunidos e fomos novamente juntos para o embarque, o Eduardo teve que tirar as botas para passar pelo detector de metais (o Garbin já pensando em pegar as Botas e sair correndo pra deixar o outro descalço), aguardamos uns 20 minutos pela chamada de embarque e depois seguimos de ônibus pelo pátio do aeroporto até a aeronave ATR 600 da AZUL/TRIP que faria o trajeto de 50 minutos até Lençóis na Chapada Diamantina. Voo tranquilo e sereno até próximo ao aeroporto de Lençóis, estávamos rindo de alguma coisa quando o Comandante anunciou no rádio a possibilidade de não conseguir pousar em Lençóis devido à falta de visibilidade e falta de equipamentos para o pouso por instrumentos. O Comandante repetiu várias vezes a palavra “segurança”, o que nos deixou bastante apreensivos e preocupados, um grande silêncio tomou conta da tripulação, longos 20 minutos se passaram enquanto ficávamos dando voltas por cima das nuvens (enquanto isso Cristiano já estava pensando no Plano B, ou seja, se tivermos que voltar para Salvador teria que pensar em outra forma de

chegarmos à Chapada). Após algum tempo o Comandante anunciou uma melhora nas condições climáticas e ordenou à tripulação para se preparar para o pouso. Sentimento de alívio para todos, mas ainda estávamos voando e o estoque de cuecas que levei não era grande. Ao descer para o pouso em lençóis conseguimos ver a densa chuva que impedia totalmente a visibilidade se deslocando ali pros lados da chapada, a pista estava muito molhada e o avião balançava bastante.



Figura 3: Animação após pouso em Lençóis

Graças ao Grande Pai lá das Querências do Céu conseguimos pousar com segurança em Lençóis. Aguardamos a chegada das nossas bagagens e nos livramos das toneladas de plástico que usamos para embalar as mochilas. Logo na saída do desembarque todos avistaram um Baiano segurando uma folha A4 onde estava escrito: Cristiano da Cruz – Indiada Buena, era o Sr. Daniel da Chapada Adventure que estava a nossa espera para nos conduzir até a pousada onde ficaríamos hospedados na cidade de Lençóis. No caminho, falando sobre os atrativos da Chapada ficamos sabendo que o Rio do Ribeirão do Meio estava cheio devido às chuvas dos últimos dias, então perguntamos sobre a Gruta da Pratinha (que a Dai havia pesquisado na internet na noite anterior) e imediatamente decidimos por conhecer o local, alterando parte da nossa programação do próximo dia. Mal sabíamos que o local seria sensacional.

Em Lençóis, ficamos hospedados na Pousada Pouso da Trilha, um lugar simples, mas muito limpo, organizado e confortável, bem localizado, com ótimo atendimento e café da manhã sensacional. Os 14 índios foram distribuídos nos quartos, todo foram para o banho e para o descanso das emoções da viagem. Sobrou tempo pro Garbin em parceria com o Sr. Zé “sacanearem” o Cesinha trocando o líquido do precioso Licor de Gengibre trazido por ele por água com Guaraná, fizeram um trabalho tão bom que era impossível perceber a “violação” da embalagem. Enquanto isso, fomos à procura de lugares para jantar com a turma toda. Alguns optaram por conhecer a

cidade e foram bater perna pelas pequenas ruas de Lençóis. Preparamos nosso velho e tradicional Chimarrão e por volta das 20 horas nos encontramos numa rua estreita cheia de bares e restaurantes, alguns já estavam lá tomando uns tragos num pequeno restaurante chamado “Namoranga”, no local havia um garçom muito parecido com o ator Lázaro Ramos da Rede Globo que logo ganhou da turma este apelido. Dali, partimos juntos para jantar num outro restaurante em frente ao Banco do Brasil, sentamos todos ao lado de fora, pedimos pratos com carne de sol, peixes, purês de batata e mandioca, saladas, cerveja e alguns sucos. O atendimento do estabelecimento deixou muito a desejar, mas a comida estava boa.



Figura 4: Dominamos o pagode

Após o jantar voltamos para o “Namoranga” tomar “só mais uma”, chegando lá ficamos animados com o pagode que estava rolando no barzinho da frente, não deu outra, dominamos o pedaço, começamos cantar junto com os “velhos pagodeiros” e a festa foi ficando animada, cantamos até “Querência Amada” no ritmo do pagode, rolou também algumas do Grupo Demônios da Garoa (Pascarigudum, pascarigudum) e Zeca Pagodinho, todo mundo sambando e dançando “na laje”, só animação. Pagamos algumas cervejas para os amigos do pagode em agradecimento e partimos para a primeira noite de sono na Bahia. Há, quase ia esquecendo, no caminho paramos pra tomar uma sopa. Assim foi o nosso primeiro dia na Bahia.

2º Dia – Lençóis / Pratinha / Vale do Capão

Dia 17/07/2015 (Sexta Feira), segundo dia na Bahia. Acordamos cedo na Pousada Pouso da Trilha, o tempo estava bom, mas muitas nuvens ainda. O café da manhã estava sensacional, frutas, doces, ovos mexidos, e tapioca até com opção de escolha do sabor. Fomos até dar uma espiada na cozinha para tentar aprender a receita de tapioca direto com a Baiana, que, muito simpática, nos explicou seu modo de fazer. “O segredo é hidratar a farinha”, disse ela. Combinamos nossa saída para Gruta da Pratinha às 9 horas, antes de partir, fizemos uma foto todos juntos na frente da pousada, “todos” com a camisa amarela da Indiada na Chapada.



Figura 5: Pousada Pouso da Trilha em Lençóis

Antes de sair de Lençóis uma parada na agência do transporte para acertos e pagamentos. Saindo de Lençóis pegamos a BR242, sentido Iraquara, trajeto para chegar até a Fazenda Pratinha. No caminho pela BR, ficamos entusiasmados com a beleza e grandiosidade do Morro do Pai Inácio, local que iríamos conhecer no final da tarde deste mesmo dia.



Figura 6: Morro do Pai Inácio

Ainda na BR ficamos espantados com as imprudências de motoristas de caminhões que faziam ultrapassagens perigosas, forçando os motoristas de o sentido contrário trafegar pelo acostamento para evitar uma colisão, um verdadeiro absurdo que se mostrava diante dos nossos olhos. Impressionante! Chegamos à Gruta da Pratinha e recebemos as orientações do pessoal com relação às atividades de flutuação e fotos de mergulho nas águas claras do Rio Pratinha. Reservamos almoço pra turma ali mesmo e logo fomos descendo para a entrada da gruta, local com águas cristalinas e numa temperatura muito agradável. O lugar é muito bonito!



Figura 7: Gruta da Pratinha

As turmas para flutuação eram formadas por sete participantes, dessa forma nos dividimos em dois grupos, alguns fizeram primeiro a flutuação enquanto outros foram fazer as fotos mergulhando (fotos em duplas no valor de R\$ 40,00 para cerca de 30 fotos). A flutuação custava R\$ 30,00 por pessoa e era realizada numa caverna onde entramos com coletes salva vidas, snorkel, lanternas e acompanhados por um instrutor. Os atendentes do local mostraram-se confusos e desorganizados na condução das atividades, mas no final das contas, deu tudo certo. Muitas fotos e todos aproveitaram muito bem o lugar e suas belezas naturais. Após a realização das atividades, subimos para o almoço (Buffet a quilo – Valor Médio de R\$ 18,00 por pessoa), alguns almoçaram, outros optaram por fazer lanches e na sequência fomos conhecer a Gruta Azul. Caminhamos cerca de 300 metros, passando por uma bela e caprichada casa de pau-a-pique típica da região cheia de Lagartixas nas paredes. O local era somente para visitação e fotografia das águas cristalinas que ficam na cor azul quando recebem a luz do sol. Mal sabíamos que na volta da Gruta Azul aconteceria um dos fatos mais inusitados e engraçados da viagem. Voltando da gruta, numa pequena estrada de chão batido, uma cobra (não peçonhenta) salta por entre as pernas do Beto Lago causando um grande susto nele e na galera, e,   claro, muitas, mas muitas gargalhadas. Ainda bem que o Sr. Z  conseguiu fazer uma foto da dita cuja pra gente poder mostrar aqui.



Figura 8: Cobrinha que deu um susto na galera

Foi realmente um fato muito engraçado, quem viu, viu. Seguimos dando gargalhadas até a entrada da fazenda, aonde vimos um bando de macaquinhos (Saguís) saltando muito alto entre as árvores, muito legal de ver as acrobacias deles. Ainda era cedo e dava tempo pra um banho de rio, assim, fomos todos para a “pratinha” e passamos um bom tempo nas águas.



Figura 9: Banho no Rio Pratinha

Pra finalizar a passagem pela Fazenda Pratinha, pegamos as fotos tiradas no mergulho, algumas muito engraçadas, cabeças cortadas, caretas, olhos fechados, bochechas grandes, enfim, muitas risadas disso também. E já era hora de partir para o Morro do Pai Inácio, então, todo mundo de volta pro Micro para trocar e roupa e seguir rumo ao próximo atrativo do dia. Atrás no Micro enquanto a galera se vestia pelos cantos, Cesinha abriu uma garrafa de Licor de Gengibre para dividir com a turma, tomou um gole viu que havia algo estranho, pronto, estava revelada a sacanagem feita pelo Garbin e pelo Sr. Zé. Hehehe.

Partimos de micro rumo ao Morro do Pai Inácio, chegando ao local, subimos caminhando a partir da BR por cerca de 1 km de estrada de chão batido até a portaria de controle de acesso à trilha para chegar ao alto do Morro. Para acesso ao local era cobrada uma taxa de R\$ 5,00 por pessoa. Alguns subiram rápidos pela trilha, pois o Sol já estava querendo sumir no Horizonte, o tempo estava bastante nublado, mas aonde o sol ia se pôr estava mais aberto, o topo de alguns outros Morros da Chapada estavam tapados por nuvens, mas o pôr do sol foi belíssimo.



Figura 10: Pôr do Sol no Morro do Pai Inácio

O grupo se dispersou no alto do Morro, cada um curtiu o pôr do sol de ângulos diferentes, algumas fotos e um vento gelado batendo nos vivos, lembrando o vento frio aqui do inverno do Rio Grande. Reunimos o povo, fizemos uma foto todos juntos lá no alto e descemos de volta para o Micro. Na próxima edição, subiremos mais cedo para apreciar e curtir um pouco mais o lugar.

Ao chegar ao Micro, para nossa surpresa, tivemos que trocar nosso transporte por uma Van, pois nosso motorista, pensando nas condições da estrada de Palmeiras até o Vale do Capão, achou prudente fazer isso. Esta troca causou certa confusão entre os passageiros e acabamos “esquecendo” no Micro às botas do Beto Lago e os Crocs do Eduardo. No caminho até o Vale do Capão, rolou um sertanejo universitário na Van que animou a galera, depois o cansaço das atividades do dia fez pairar o silêncio no ar, a expectativa agora era para a chegada ao Vale do Capão, onde ficaríamos hospedados nas próximas duas noites na Pousada Tatu Feliz.

Chegamos ao Vale do Capão por volta das 19 horas, conforme combinamos todos aguardaram às orientações quanto ao uso das chaves, distribuição dos quartos e funcionamento da pousada, marcamos a saída para o jantar às 20h30min. Enquanto a galera tomava banho, fomos na Pizzaria reservar uma mesa para a nossa turma. Expectativa para Pizza também, pois alguns Índios que participaram da primeira edição na Chapada (Cris, César, Nelza e Lago) falaram muito bem da comida, atendimento e do Lugar. Estava frio e caía uma chuva fina, e lá fomos nós para o jantar.



Figura 11: Pizzaria no Vale do Capão

A Pizzaria é um tanto quanto diferenciada, só servem um sabor de Pizza Salgada e um sabor de Pizza Doce, não há pratos e nem talheres (sim, a gente come com as mãos mesmo), não há condimentos, tudo é muito simples, mas muito saboroso, a Pizza é servida cortada em vários pedaços numa fina chapa de madeira e o atendimento é sensacional. No local há cerveja e bons vinhos do Vale do São Francisco e há também mel com pimenta pra comer com a Pizza Doce que torna o sabor ainda mais agradável. Uma pizza sem Queijo pro Garbin, por favor. E duas Pizzas tamanho família para o resto de turma. Todos saborearam à vontade e assim terminava nosso segundo dia na Chapada.

3º Dia – Vale do Capão / Cachoeira da Fumaça

Dia 18/07/2015 (Sábado), terceiro dia na Chapada. A noite foi com muita chuva e muito vento, mas o dia amanheceu com tempo bom. Acordamos cedo mais uma vez, logo fui preparando o Chimarrão para os meus queridos índios. Enquanto alguns não acordavam e enquanto era preparado o café, fomos dar uma caminhada pelas ruas do Vale do Capão, lugar inusitado, cheio de pessoas dos mais variados estilos, alguns muito alternativos, alguns mais esotéricos, hastas, hippies, músicos, aventureiros, velhos, crianças, muitos cachorros, tem de tudo um pouco no Capão (e tem mais o Elias do Capão – apelido que viria surgir mais tarde de tanto que se identificou com o lugar). Ainda na rua principal do Capão encontramos um cachorrinho muito dócil e disposto, que mais parecia “um Beagle” pelas manchas e pela coloração do seu pelo, logo apelidamos o novo amigo de “umbigo”, ficamos ali brincando um pouco com o ele quando passa pela uma mulher que inesperadamente fala: Vocês falam umbigo, mas aqui nós dizemos “imbigo”, foi muito engraçado.



Figura 12: Umbigo ou "Imbigo"?

Em seguida, voltamos para o café da manhã na pousada. O Café era muito bom, bolos, aipim cozido, tapioca, pães, mel, ovos mexidos, café, leite, sucos, enfim, um cafezão. Neste dia começaria de fato nossas aventuras pela Chapada com uma caminhada de 15 km (Ida/Volta) até a Cachoeira da Fumaça por cima. Partimos para a pernada logo após o café, tiramos aquela foto tradicional da turma antes das aventuras na frente da pousada e seguimos caminhando pelas ruas do Vale do Capão. O dia permanecia nublado, caminhamos cerca de 1,5 km até a entrada da Trilha onde temos que nos registrar no livro de controle da Associação de Guias do Vale do Capão, no local, há um atendente que nos explica o funcionamento da trilha e regras gerais do parque. Optamos por ir mais cedo para curtir e aproveitar melhor o local, pois da outra vez que ali estivemos havia muitas pessoas e quase não conseguimos tirar fotos, verificamos no livro de registro e havia subido apenas três pessoas na nossa frente, que bom. E começamos a pernada rumo à Fumaça por cima.

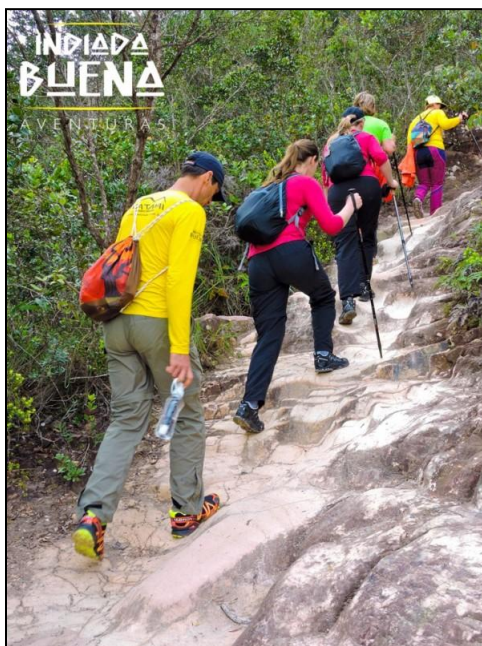


Figura 13: Subida para Cachoeira da Fumaça

A caminhada é difícil no começo, uma subida íngreme com trechos de pedras e escadas naturais esculpidas nas pedras de arenito após tantas e tantas pisadas de aventureiros. A subida tem pouco mais de 2 km e à medida que se sobe, o visual da Chapada vai ficando mais bonito. Da trilha é possível ter um panorama completo do Vale do Capão, do Morrão e do Morro Branco, bem como, dá pra ver nitidamente a trilha que dá acesso às gerais do Vieira. O tempo ainda estava meio “carrancudo”, muitas nuvens no céu e um vento gelado que mais parecia que estávamos na Patagônia, todo mundo usando capas de chuva, corta vento e Anorak (né Jani?). Após a subida começa um longo trecho de caminhada por trilhas num terreno arenoso e plano, porém, devido às chuvas dos últimos dias, muito alagado.



Figura 14: Caminhando descalços

Teve até um trecho que tivemos que tirar os nossos calçados para poder atravessar, passamos com água gelada batendo na altura dos joelhos. Deste ponto em diante, seguimos caminhando de pés descalços, isso também foi muito legal, pois não estava programado pra ser assim, mas todos entraram no clima e caminhamos quase 30 minutos sem utilizar nossos tênis ou botas, tiramos até algumas fotos pra comprovar nossa “peregrinação descalços”. Logo em seguida, já próximo ao nosso destino, fizemos uma parada para todos colocarem de volta seus calçados. Foram 7,5 km desde a Pousada até a parte superior da Cachoeira da Fumaça, chegando ao local, se confirma a informação de que havia apenas três pessoas à nossa frente, imediatamente começamos a tirar nossas fotos, todos foram alertados do perigo do vento forte e das pedras escorregadias e todos tiveram comportamento seguro no local.

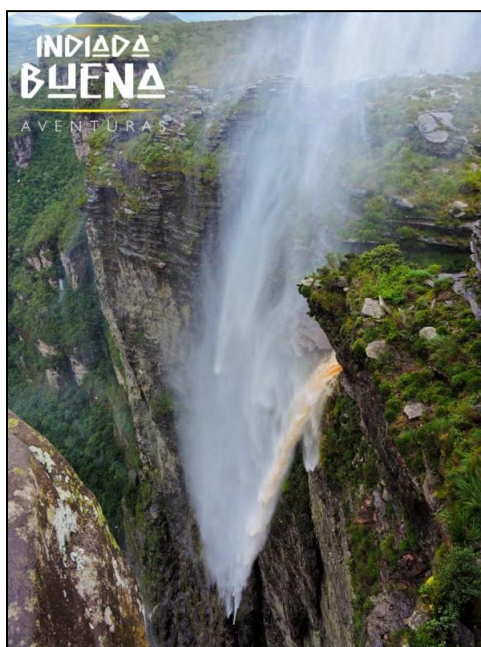


Figura 15: Cachoeira da Fumaça

A ventania era tão forte que o vento carregava para cima pingos d’água em câmera lenta que só quem estava naquele lugar naquele momento consegue descrever. Em vários momentos a água da cachoeira de mais de 300 metros não chegava tocar o solo na parte de baixo, a ventania era tanta que fazia toda cachoeira desaparecer em pleno ar e voltar para o alto formando uma grande nuvem de chuva de baixo para cima. Difícil de explicar, mas tive a sorte de filmar e tirar muitas fotografias deste momento para poder mostrar através das imagens este fenômeno incrível que nos faz entender porque chamam a grande queda de Cachoeira da Fumaça. Almoçamos por ali mesmo, às vezes com alguns raios de sol, às vezes com a chuva que subia debaixo da cachoeira com o vento. Chamou-nos à atenção no local alguns pássaros que quase tiravam a comida das nossas

mãos de tão acostumados com a presença das pessoas que eles estavam. Após fazer nosso lanche e descansar um pouco (o Sr. Zé ainda estava tirando fotos por lá), tiramos uma foto com toda turma reunida e logo partimos para retornar pela mesma trilha. Para nossa surpresa, à medida que nos aproximamos do começo da trilha onde desta vez faríamos a descida, o tempo começou a limpar, as nuvens escuras deram lugar a algumas nuvens brancas esparsas, e um céu azulado acima das nossas cabeças foi cenário para dezenas de fotos que fizemos logo no começo da descida.



Figura 16: Vista para o Morrão

Era pose pra tudo que é lado, Cristiano e Sr. Zé caprichando nos registros da galera. Descemos e finalizamos a trilha por volta das 15 horas, todos reunidos assinamos o livro para registrar nosso retorno e paramos próximo ao posto de controle da trilha para tomar água de coco, comer pastéis e outros lanches. Logo após retomarmos o caminho pra pousada, lembramos-nos de uma placa que vimos através das janelas da Van no dia que chegamos. A placa mencionava “Terroá, Cafés Especiais” e decidimos dar uma passada lá pra conferir.

Chegando ao local, o dono do estabelecimento, muito gentil, nos explicou o funcionamento dos cafés e os vários sabores e aromas oferecidos. Tivemos a oportunidade de experimentar os diferentes sabores dos nossos cafés numa técnica de preparo chamada “Prensa Francesa”. O mecanismo da Prensa Francesa é simples, valoriza o sabor do café. Ela permite uma fusão mais densa entre a água e o café moído e propicia que os óleos e sedimentos naturais cheguem até à sua xícara. Isso é possível, pois seu filtro de metal (tela bem fina) não absorve o óleo; além de garantir um toque de sofisticação no momento sagrado do cafezinho. Experimentamos as seguintes variedades: Sol Amarelo - Ponto de torra claro. O resultado na xícara é um intenso aroma floral, de sabor delicado, acidez marcante, com bom corpo e notas de frutas cítricas e melão, um café para apreciar puro. Terra Vermelha - Ponto de torra médio. O resultado na xícara é de bom

aroma, sabor encorpado e intenso, com acidez moderada e notas frutadas e caramelo. Podendo ser apreciado puro, é recomendado para quem gosta de adicionar leite ao café; e, por fim o Vento Norte - Composto por uma mistura de cafés naturais e despulpados torrados em pontos de torra claro a médio. O resultado na xícara é uma bebida aromática, encorpada, com elegante equilíbrio entre doçura e acidez, notas de chocolate e finalização agradável e prolongada. Indicado para extrações manuais e para expresso. Gostou da explicação? Mas não ficamos especialistas em café, estas informações foram obtidas através do site <http://www.cafeterroa.com.br>.



Figura 17: Terroá cafés especiais

Não dá pra deixar de citar neste dia o delicioso Browne que foi opção de alguns índios para acompanhar o café, e não dá pra deixar de citar também o modo inusitado de fazer Browne que o César Furlanetto comentou (Gargalhadas...), mas não podemos comentar o método dele aqui. Depois de agradarmos nosso paladar com o delicioso café e dar muitas gargalhadas do modo “Browne do Cesinha” voltamos para a Pousada Tatu Feliz no Vale do Capão. Novamente a Pizzaria foi a opção escolhida pela galera para o jantar. O bom vinho do Vale do São Francisco e o delicioso mel com pimenta marcaram presença mais uma vez. Após o jantar, uma breve conversa para alinharmos às atividades do próximo dia e a saída para o Vale do Pati. No caminho, uma breve parada nas lojinhas do lugar para comprar camisetas e lembranças e depois todos foram para pousada para mais uma noite de descanso no Vale do Capão (exceto que tivemos que levantar na madrugada e improvisar uma cortina com toalhas por causa da forte luz que vinha do poste na rua).

4º Dia – Guiné / Início do Trekking Vale do Pati

Dia 19/07 (Domingo), o nosso 4º dia na Chapada e o início do Trekking no Vale do Pati. Repetimos o café na Pousada Tatu Feliz. Após o café estavam todos com as mochilas prontas pra iniciar a esperada travessia do Vale do Pati. Encontramos o nosso Guia Dmitri logo após o café, era em torno das 08h15min quando nos encontramos em frente à Pousada. Realizadas as devidas apresentações, dali seguimos para o Guiné com parte do Grupo numa caminhonete adaptada para transportar dez pessoas mais quatro no carro do Dimi.

A viagem até o Guiné é por estradas de chão batido com alguns trechos bem ruins para trafegar, o trajeto tem em torno de 50 km e a quilometragem foi o grande assunto da viagem, explicarei o porquê logo em seguida. Passamos por um pequeno povoado que estava identificado no GPS, falei o nome do lugar, em seguida Sr. Renato (O Rena) exclamou pra mim: “Mas você conhece bem o lugar aqui hein Moço?” Eu disse: “Conheço nada, quem conhece é esse aparelhinho aqui (GPS)”. Muitas gargalhadas de todos com a situação. Nosso motorista, o simpático Sr. Renato, já quase chegando ao Guiné, estava questionando a marcação do GPS, dizia ele que não estava correta a marcação da quilometragem, que o GPS marcava as medidas iguais a um “rabo de cachorro”. Mais gargalhadas com a situação e chegamos ao Guiné (vimos um grande grupo de pessoas caminhando pela rua, era um velório).

Estava calor, muito calor. Paramos no mercadinho da cidade para o pessoal tentar fazer contato por telefone com a família e pra comprar algumas guloseimas. Observei que no local havia “bombinhas” para vender, logo pensei: “Tomara que o Garbin não veja isso”. Por sorte (de todos que iriam para o Vale do Pati) ele viu, mas achou melhor não comprar os pequenos explosivos barulhentos. Do Guiné dava pra ver as nuvens que pairavam sobre as montanhas da Chapada Diamantina, já dava pra perceber que o tempo lá por aquelas bandas estava bem diferente. Embarcamos todos de volta pra D20 do Sr. Renato e seguimos em direção da Chapada, quando mais nos aproximávamos do local de início da trilha, mas o tempo mudava. Numa fração de poucos minutos passamos de tempo seco, sol e calor para umidade, chuva e frio, impressionante. Na estrada o barro estava intenso, tanto foi que a caminhonete nem conseguiu subir a última parte do trajeto, tivemos que parar e pegar as mochilas ali mesmo no ponto onde a D20 conseguiu chegar. Todos desembarcando, colocando suas capas de chuva e pronto pra iniciar a grande pernada.



Figura 18: Início do Trekking em Guiné

Próximo à placa do Parque Nacional da Chapada Diamantina (Guiné – Vale do Pati), tivemos uma breve conversa com instruções do Guia Dmitri com todos os participantes, ali também fomos apresentados à Michele (esposa do Dimi) e ao simpático Carlitos (popular Carlitão, ajudante do Dimi) nesta expedição. Antes da caminhada Dimi falou para todos: “Quem cair vai pagar a rodada hein!”, começava ali a torcida pelos tombos na ânsia de tomar alguma bebida por conta do “tombo” (queda) de algum índio. Começa a perna, o Carlitos segue na frente, puxando a fila de índios morro acima, uma subida de 45 minutos debaixo de uma chuva fina e muito, mas muito barro. Nossa subida com o tempo daquele jeito foi relativamente rápida, a trilha em alguns pontos parecia um riacho de tanta água que descia. Subimos todos juntos e seguimos pela parte plana do caminho chamada Gerais do Rio Preto, nosso almoço seria às margens do Rio Preto próximo a uma Ponte de Pedras construída pelos nativos para realizar a travessia com as mulas de carga nas épocas das cheias do Rio.



Figura 19: Almoço no Rio Preto

Almoçamos ouvindo o barulho da água, o sol aparecia algumas vezes, mas na maior parte do tempo ficava escondido atrás das nuvens. Almoçamos um baita lanche servido pelo Dimi e sua equipe, havia pão, salada, tomates, queijo, maionese, salame, azeitonas, uvas passas, mel e molho de tomate pra todo mundo. Estava ótimo nosso primeiro almoço na Travessia do Vale do Pati.



Figura 20: Gerais do Rio Preto

Após o almoço seguimos caminhando pelas Gerais do Rio Preto, muita lama e pontos alagados no caminho (charcos), mas o tempo mudou, já estava quente e o sol permanecia mais vezes iluminando a pradaria. Das Gerais do Rio Preto fomos direto para o Mirante do Vale do Pati, lugar sensacional pra começar a aventura da melhor forma possível, o visual era sensacional, pra ficar perfeito mesmo só faltava à cor azul no céu ao fundo, mas a nuvens que estavam sobre o Vale do Pati não tiravam a beleza estonteante da paisagem. Todos tiraram muitas fotos aqui, foto sozinho, foto em dupla, foto em grupo, foto de frente, foto de costas, enfim, realmente aproveitamos o visual. Algumas explicações do Dimi sobre a história e a geografia do local e seguimos para a próxima parte do trajeto.



Figura 21: Mirante do Vale do Pati

A descida das Gerais até o Vale do Pati é curta, mas difícil e perigosa (Hard), o terreno íngreme e instável requer do aventureiro toda calma e cuidado possíveis, por isso, descemos com cautela para evitar qualquer acidente, no trajeto há belos visuais do Vale do Pati e dá pra tirar umas belas fotos também. Ao final da descida a expectativa por saber quem iria pagar a rodada do primeiro dia, quase no final da trilha, num trecho muito tranquilo da descida a Viane fez a alegria da galera dando uma bela sentada repentina no solo da chapada. Garantida a primeira rodada! Estávamos ainda descendo quando isso aconteceu, mas dava pra ouvir das gargalhadas do pessoal lá embaixo no final da descida, neste momento Dimi exclamou: “Parece final da copa do mundo ver esse povo caindo!”. Faltava pouco pra chegar à Igrejinha (Casa do Sr. João), o caminho estava com muito barro, não tinha como ficar limpo caminhando nessas condições, isso foi o resultado das chuvas que caíram sobre a região nos dias que antecederam à nossa chegada.



Figura 22: Muita lama na trilha

Chegamos a Igrejinha e o Dimi informou para cada um nós onde iríamos ficar alojados no local, casais ganharam quartos separados e os solteiros ficaram todos juntos num cômodo grande com quatro beliches. Após a chegada alguns foram direto para o banho, outros foram tirar um pouco do barro que havia nos calçados num tanque que havia ali no meio do pátio. A Viane chegou quebrando tudo, não sabemos como, mas ela conseguiu em poucos segundos transformar a torneira do tanque num grande chafariz. Ainda bem que a água não tinha muita pressão e foi fácil de resolver o problema. Enquanto aguardávamos pela hora do banho de cada um e ansiosos pelo jantar, distraímos nossa fome com alguns lanches e guloseimas que levamos, e, é claro cevamos nosso primeiro Chimarrão no Vale do Pati (Registrado por Foto).



Figura 23: Chimarrão no Vale do Pati

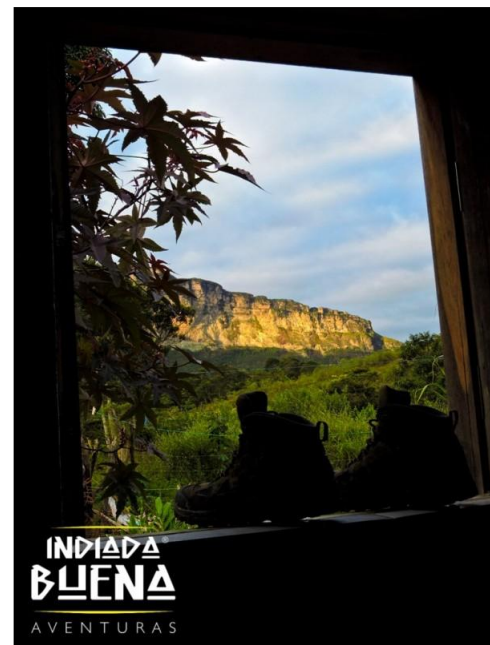


Figura 24: Visual da janela do alojamento

Antes do pôr do sol, ficamos admirando os últimos raios do astro rei sobre os paredões do Morro do Sobrado e Morro Branco, que deu às pedras de arenito uma cor avermelhada sem igual. Na cozinha compartilhada da igrejinha a função era grande, todo mundo na correria preparando a comida. Pouco antes do jantar, ficamos observando um grupo de Franceses conversando e até arriscamos algumas poucas palavras em inglês com eles. Pouco antes das 20 horas estava sendo servido o jantar, o Dimi e sua equipe prepararam arroz, batatas refogadas, estrogonofe de frango, saladas e “suco de limão nativo” (era Tang., mas o Elias não queria acreditar). Todos comeram muito bem e depois da janta todos foram “para o berço” cedo, começava ali nossa jornada de ótimas noites de descanso de 8 a 10 horas de sono por dia, que coisa boa.

5º Dia – Rumo ao Cachoeirão

Dia 20/07 (Segunda Feira), nosso 5º dia na Chapada e o 2º Dia no Vale do Pati. Acordamos cedo novamente, na verdade, nosso quarto era ao lado da cozinha e acordamos de madrugada com o barulho das panelas. Nosso primeiro café da manhã no Vale do Pati ainda era surpresa para a maior parte dos participantes, aqueles que já participaram da primeira edição da Chapada já sabiam que só viriam coisas boas e assim foi, café da manhã sensacional com tapioca, cuscuz, bolos, pão com queijo derretido, mamão, melão, manga, café, leite em pó, ovos mexidos e banana cozida, um excelente cardápio para o café. Após o café partimos para o maior trecho de caminhada do Vale do Pati, os 16 km (ida e volta) até o Cachoeirão. No caminho, tempo nublado e muitas fotos, andamos a maior parte do tempo em fila Indiana. Quando estávamos próximos ao nosso destino o tempo fechou, caminhamos sob uma chuva fina, vento gelado e uma forte serração que impedia a visibilidade e nos deixava apreensivos por causa da possibilidade de não conseguirmos ver a belíssima paisagem do Cachoeirão. Chegamos ao Cachoeirão e logo fomos ao melhor ponto para fotografar e apreciar o visual, e os nossos temores se confirmaram, o local estava com a visibilidade muito limitada, dá até pra dizer que conseguíamos enxergar apenas alguns poucos metros à nossa frente, o tempo fechado impedia quase que totalmente de vermos a paisagem do local (a foto abaixo mostra como estava o tempo quando chegamos ao local).



Figura 25: Mirante do Cachoeirão (Tempo Fechado)

Bueno, o que fazer numa situação como estas? Aceitar o que temos para o momento e apreciar aquilo que estiver ao alcance dos nossos olhos. Mal sabíamos que mais uma vez o tempo estava ao nosso lado, para nossa surpresa, à medida que fazíamos as fotos na Pedra do Cachoeirão, o tempo dava sinais que em algum momento iria limpar e nos possibilitar visualizar toda a linda paisagem, e foi durante a foto do César Furlanetto e que o tempo abriu de vez devolvendo o sorriso no rosto de cada Índio.

Dali pra frente o tempo só melhorou, e aquilo que parecia ser impossível e improvável aconteceu, conseguimos tirar lindas fotos e contemplar o visual do Cachoeirão na sua totalidade. Não faltou foto pra ninguém (vejam a grande diferença desta com a foto anterior, Bah!).



Figura 26: Mirante do Cachoeirão (Tempo Aberto)

Almoçamos ao som das águas do Riacho que desce pelo paredão, compartilhamos com a Indiada alguns pedaços de pão integral com o mel que compramos lá no Vale do Capão e logo depois partimos para caminhar os 8 km do caminho de volta até a igreja do Pati. No caminho de volta novamente pegamos alguns pontos com uma chuva fina, mas já não fazia mais tanto frio quanto pela manhã. No caminho passamos por algumas mulas carregadas com suprimentos para os Nativos do Vale do Pati, alguns comentários sobre este inusitado meio de transporte e sobre as dificuldades dos Nativos com esta logística de abastecimento. Na descida de volta para a Igreja a maior parte do grupo optou por fazer um caminho de volta diferente, passando pelo Morro do Cruzeiro, um ponto bem alto da parte central do Vale do Pati com visual 360° do local.



Figura 27: Morro do Cruzeiro – Vale do Pati

No caminho para chegar ao local o “tombo” da Janissel foi à sensação e lá no alto o sol deu o ar da graça, permitindo para todos fazermos lindas fotos com os paredões dos morros ao fundo. Em seguida descemos para a Igrejinha e logo fomos providenciar nosso tradicional Chimarrão que desta vez foi acompanhado por bisnaguinhas com o mel que restaram do almoço, mais alguns pacotes de biscoitos que os índios vinham trazendo à medida que se juntavam à roda do Chimarrão. A Viane, ao chegar por último trazendo mais um pacote de biscoitos recebeu um grande e engraçado “nããããoooo, chega de biscoitos!” da galera, pois todos já estavam empanturrados e não aguentavam mais a comilança do final da tarde.



Figura 28: Lavando os apetrechos

Alguns foram para o banho, outros foram lavar seus apetrechos. Cristiano e Sr. Zé perderam a chance de deixar o Garbin “pelado” levando suas roupas enquanto tomava banho de Rio, teria sido a melhor sacanagem da Chapada, mas, fica pra próxima. Todos aguardavam pelo jantar, o dia foi de grande esforço e de ótimo aproveitamento. Rumores de que a Michele havia ficado na Igrejinha par cozinhar o feijão deixava a turma animada. Logo após, no jantar, a previsão se confirma. Fomos servidos com um delicioso feijão cozido, arroz, saladas e carne de panela. O Elias saboreava o jantar acompanhado de um copo de cachaça (ou o que havia sobrado da Caipira que fizera com o Garbin). Para sobremesa o Dmitri fez “Negrinho” (Brigadeiro) e comentou na Bahia também é conhecido como “pequeno afro descendente”. Após o jantar combinamos como seriam as atividades do dia seguinte e assim terminava nosso segundo dia no Vale do Pati, novamente indo dormir cedo para estamos bem descansados para a subida ao Morro do Castelo.

6º Dia – O dia do Morro do Castelo

Dia 21/07 (Terça Feira), nosso 6º dia na Chapada e o 3º Dia no Vale do Pati. O dia da subida até o Morro do Castelo. Desta vez acordamos mais cedo, pois precisávamos organizar as mochilas para levar tudo conosco para o próximo local onde iríamos pernoitar, a casa do André (Filho da Dona Raquel). O café espetacular do Dimi novamente estava sendo muito esperado, logo após todos tomarem aquele cafezinho partimos em fila Indiana rumo ao nosso próximo alojamento (a proposta deste dia era ir até a casa do André, deixar nossas mochilas lá e depois fazer a subida ao Morro do Castelo apenas com mochilas pequenas). Não podemos deixar de lembrar que neste dia era aniversário do Sr. Zé Camargo (lembrado pela Raquel), avisamos o Dimi que prontamente sugeriu fazermos uma surpresinha para o aniversariante pouco antes do jantar.



Figura 29: Subida do Morro do Cruzeiro

Este dia amanheceu o melhor de todos, tempo aberto, sol, não estava tão frio quanto nos outros dias, seguimos pela trilha que sobe até o Morro do Cruzeiro para depois começar a descida até a Casa do André. Muitas fotos nesta parte do trajeto, a galera em fila com o cenário dos paredões da chapada com a luz do sol da manhã nos proporcionava belas imagens. Logo após o início da descida, Cristiano faz uma breve parada para fotografar um pássaro que tomava sol no topo de uma árvore apreciando o belo visual do amanhecer no Vale do Pati, após algumas fotos, empolgado com as imagens capturadas ele sai em ritmo acelerado para reencontrar o grupo que continuou descendo enquanto fotografava, ao chegar próximo do pessoal para mostrar suas fotos, e, para alegria da galera, leva um “resvalo” no terreno ainda molhado acaba caindo o maior tombo da Travessia. E o “Índio Véio” ficou ali, estirado no chão do Pati, alvoroço entre os Índios, muitas gargalhadas, até porque, surgia naquele momento mais uma rodada pra todo mundo. Que tombo!

E a caminhada até a Casa do André continua, logo à frente fizemos outra breve parada para mais uma foto das tantas que fizemos com todo grupo reunido. Cenário espetacular!



Figura 30: Rumo à Casa do André

O tombo do Cristiano foi um alerta para todos, pois a trilha estava muito escorregadia em várias partes do trajeto, próximo à casa do Sr. Wilson então nem se fala, parecia que havia sabão sob os nossos pés, não deu outra, a Raquel foi premiada com o próximo tombo. Logo em seguida chegamos à casa do André, todos gostaram muito do local, pois além de ser muito limpo e organizado contava com uma vista sensacional do Vale do Pati e seus imensos paredões de pedra iluminados pelo sol da manhã, o Dimi novamente alocou a turma nos quartos disponíveis na casa para logo em seguida partimos para a subida do Castelo.



Figura 31: Visual da casa do André

Antes da partida, sobrou tempo para o terceiro tombo do dia, desta vez foi a Viane a sorteada para sentar no solo do Vale do Pati, o fato ocorreu ao lado da casa e ninguém entendeu como ela conseguiu tamanha façanha. Nenhuma lesão, muitas gargalhadas, em seguida, por volta

das 10h30min partimos rumo ao esperado visual do Morro do Castelo, o sol continuava forte no Pati e cada vez mais forte, a manhã estava quente e até um pouco abafada, embora subindo debaixo das árvores todos sentiam o forte calor que fazia. A subida é realizada através uma trilha muito íngreme, inclusive, com alguns trechos de escalaminhada. Na subida, ouvimos o belo canto de uma Araçari, no mesmo instante Cristiano falou que era bastante raro conseguir enxergar a Ave, pois ela costuma ficar no alto e acima das copas das árvores, mas para nossa surpresa o gentil Carlitos conseguiu localizar a bela Ave por entre os galhos. Ela é branca com uma mancha esverdeada perto dos olhos e do bico, realmente uma bela ave e um canto que se ouve a quilômetros. Paramos alguns minutos e conseguimos registrar algumas imagens. Até aquele ponto estávamos subindo todos juntos, mas pouco depois uma parte do grupo acabou ficando para trás, dividindo o grupo em dois. O calor continuava assolando a todos, logo após a subida da parte mais difícil do trajeto os grupos se reencontraram e todos fizeram uma parada para um lanche e reidratação. Neste momento, nos chamou à atenção um rapaz que vinha descendo pela trilha como um louco, ignorando as regras de segurança e arriscando sua própria vida com uma possível queda pelos barrancos do local, e isso quase aconteceu, não fosse por uma árvore que havia na trilha ele poderia ter caído e sofrido graves lesões. Passado o susto, novamente uma parte do grupo seguiu na frente, guiados pelo Carlitos até a entrada da caverna do Morro do Castelo e outros ficaram ali parados mais alguns instantes com o Dimi. Lamentavelmente o forte calor não fez bem para Viane, que acabou se sentido mal durante a subida, mas, para a alegria de todos, tudo não passou de um susto e ela se recompôs logo após um descanso e uns bons goles de água à sombra da entrada da caverna (a aplicação de “soro na véia” realizada pelo Garbin ajudou na recuperação).



Figura 32: Visual do Morro do Castelo



Figura 33: Entrada da Caverna

Almoçamos ali mesmo, Dimi ordenou que comêssemos tudo que ele havia levado (e nem precisou pedir duas vezes), a goiabada com queijo foi à sensação do almoço. Após o almoço pegamos nossas lanternas para atravessar a Caverna do Morro do Castelo, um lugar sensacional, um

trecho em torno de aproximadamente 200 metros no escuro total que leva ao outro lado do vale. A travessia da Caverna inicia pelo Salão da Água, pois no começo, à esquerda, há uma vertente de água potável que desce pelas fendas das rochas, a água possui uma cor escura devido à grande concentração de minerais, mas apesar desta coloração, é muito boa e refrescante. Passamos também por algumas formações pequenas de estalactites (teto) e estalagmites (solo) apresentadas para todos através das explicações do Dimi. Na saída da caverna, foi importante tomar cuidado para não machucar a cabeça nas pedras pontiagudas. Do outro lado da caverna o lugar mais parecia à ilha de Pandora do filme "Avatar", muitas árvores retorcidas, raízes e cipós cobertos com musgo verde e as rochas com formações incríveis parecendo com os corais encontrados no fundo do mar, e, logo em seguida, um visual sensacional do Vale do Rio Calixto (à esquerda), Ladeira do Império e Rampa do Cain (à direita). Um dos cenários mais incríveis do Vale do Pati!

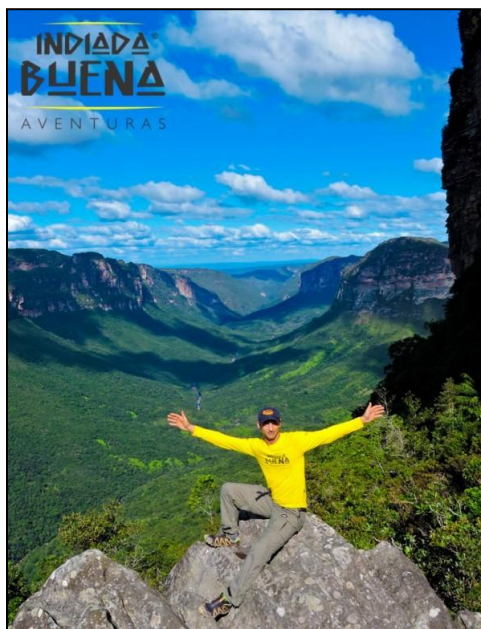


Figura 34: Visual do Morro do Castelo

Nossa parada neste local foi relativamente rápida, há um mirante de pedras onde todos tiraram várias fotos e apreciaram a bela paisagem do lugar, com certeza este local do Morro do Castelo é um dos melhores lugares da travessia do Vale do Pati.



Figura 35: Caverna do Morro do Castelo

O retorno é pelo mesmo trajeto, tiramos uma foto com toda galera dentro da caverna, reabastecemos nossos recipientes com água e partimos para a descida. Descemos todos juntos, o trajeto exigiu cautela e cuidados especiais em algumas partes (alguns anos atrás um Italiano sofreu uma queda na descida da trilha e acabou com várias fraturas), além disso, o calor continuava intenso, a expectativa agora era pelo banho de rio no final da descida.



Figura 36: Sr. Zé moendo cana

Descemos tranquilamente até a casa do Sr. Miguel, no local alguns tomaram o esperado banho nas águas geladas do Rio e outros foram tomar um Caldo de Cana. O Sr. Zé até ajudou a moer a cana pra fazer o suco pra galera mostrando toda sua habilidade em rodar a manivela do moedor, pura destreza. Já era final da tarde, depois das grandes aventuras e do grande esforço do dia, todos ansiavam pela chegada de volta à casa do André, alguns seguiram na frente e outros foram seguindo

mais lentamente. Já próximo ao nosso destino, um burrinho muito relaxado no pasto trouxe “um sorriso no rosto” para a Sabrina e para a Raquel (cenas censuradas não apropriadas para este relato). Foi muito engraçado!

Era a noite da Lasanha, todo mundo para o banho e aos preparativos para o esperando jantar. Novamente preparamos o Chimarrão, comemos algumas guloseimas para enganar o estômago e aos poucos mais Índios foram chegando ao quarto que ficava na frente da casa, ali formamos uma bela roda de chimarrão e ficamos recordando os fatos do dia e jogando conversa fora, a cena do burrinho não podia ficar de fora e gerou muitas gargalhadas para todos. De repente pensamos em chavear a parta para o Garbin não conseguir entrar, mas para nossa surpresa já estava quase abrindo a porta, mais uma cena engraçada. Já era quase hora do jantar, assim, todos para a cozinha esperar a famosa Lasanha do Dimi. Quando o André, dono da casa, entrou na cozinha, comentamos com ele sobre a cena inusitada envolvendo o burrinho, então, André calmamente nos explicou a diferença entre os animais (Burro x Jegue) e ficamos sabendo naquele momento que o nome do burrinho assanhado era “Pipoca”. Poucos antes do prato principal, a grande surpresa, um bolo de aniversário e cantamos os Parabéns para o Senhor Zé, mas foi o aniversariante quem deu o presente da noite, uma camiseta da Indiada Buena do Senhor Zé foi o presente dado ao Carlitos para sua atenção e presteza para com a nossa turma. Tímido, ele ficou sem jeito, mas com certeza gostou muito do presente. E veio a esperada Lasanha, era de molho de tomate com calabresa, o Beto Lago ia cortando os pedaços e servindo a todos, uma fartura, todos comeram à vontade. Após o jantar foi servido como sobremesa o bolo de aniversário do Senhor Zé e o Dimi sentou à mesa para contar muitas histórias da chapada e histórias de vida.

“Algum tempo depois (04/09) o Dimi nos enviou esta foto do Carlitos usando o presente dado pelo Senhor Zé posando na paisagem do Vale do Pati ao lado da famosa Ivete Sangalo.”



Figura 37: Carlitos, camisa da Indiada e a Ivete Sangalo

7º Dia – Rumo à casa do Senhor Joia

Dia 22/07 (Quarta Feira), nosso 7º dia na Chapada e o 4º Dia no Vale do Pati. Após outra noite com muitas horas de sono e merecido descanso, acordamos com um lindo dia, céu azul, já fazia calor e o sol iluminava os paredões do Morro do Sobrado que ficava atrás da casa.



Figura 38: Casa do André e Morro do Sobrado

Era dia de partir rumo à casa do Senhor Joia. Novamente todos reunidos para o cafezão do Dimi e logo em seguida preparando as mochilas para a partida.



Figura 39: Café da manhã Chapada Trekking

Este dia estava programado para ser bem tranquilo, sem grandes aventuras e com uma bela parada para banho e descanso no Rio Pati. Partimos da casa do André pouco depois das 9 horas, seguimos caminhando por trilha com alguns trechos no sol e a maior parte na sombra das árvores, caminhamos uns 30 minutos até chegar à Prefeitura do Vale do Pati, o local estava desabitado em 2013 quando estivemos lá, mas desta vez havia um bar e a construção antiga foi adaptada também para servir como alojamento dos caminhantes e aventureiros que passam por lá, além disso, na parte frontal da prefeitura há canteiros cheios de flores com uma belíssima vista para o Morro do Castelo.



Figura 40: Morro do Castelo

Dali fica fácil entender porque deram o nome de Morro do Castelo, a montanha com mais de 1.400 metros de altitude é composta por formações de pedra que lembram as torres e as muralhas de um castelo. Alguns compraram Coca-Cola geladinha, outros optaram por água mineral, uma parada para um breve descanso e seguimos na perna outra vez. Logo adiante, na trilha, avistam uma cobra escondida na mata, era uma linda Jiboia Arco Iris que foi capturada pelo Dimi, fotografada e depois devolvida ao seu habitat natural num local mais seguro pra ela. Um belo e inusitado animal. Notem a coloração incrível do animal refletida com os raios do sol.



Figura 41: Jiboia Arco Íris

Poucos minutos depois chegamos ao local do almoço, o Rio Pati, local com formações de pedra e um longo trecho de lajes, fazia bastante calor, tomamos banho de Rio, o Garbin ficou brincando de empilhar e equilibrar pedras de Rio e as meninas até arriscaram um banho de sol, ficamos mais ou menos umas duas horas curtindo este local. Enquanto isso o Dimi preparava o nosso almoço que desta feita era no formato de piquenique ao som das águas do Rio.



Figura 42: Lanche na Beira do Rio

Após o almoço, Cristiano, César e Garbin foram explorar o Rio Calixto que se encontrava com o Rio Pati logo abaixo do poço do banho. Lugar sensacional, o Rio Calixto corre por imensas lajes formando muitas piscinas naturais e a água ficava numa cor amarelada por causa da mistura dos raios do sol com as pedras, com certeza no próximo ano este lugar é um forte candidato a ser o local do nosso piquenique e descanso. O Garbin, curtindo uma de garimpeiro tentou encontrar diamantes em alguns buracos do Rio, afinal, não custava nada tentar. Após explorarmos um belo trecho do Rio Calixto, retornamos ao local do almoço para reencontrar o pessoal. Lá pelas 14h30min partimos para caminhada rumo ao nosso destino final do dia, a casa do Senhor Joia, o Carlitos foi à frente, pois houve algum problema de comunicação entre os Guias e não estava confirmada nossa estadia na casa do Senhor Joia.



Figura 43: Chegando à casa do Senhor Joia

A caminhada do Rio Pati em diante também segue por trilha à sombra das árvores, um trajeto tranquilo com algumas subidas e descidas curtas, fizemos algumas paradas breves ao longo do caminho, inclusive para pegar água de um riacho na margem direita da trilha. Durante a caminhada, chamava à atenção de todos “o varal” que o Elias fez para secar suas roupas penduradas ao lado de fora da mochila. Cerca de 01h30min de caminhada chegamos a uma antiga ponte em ruínas próximo à entrada do vale do Cachoeirão, da ponte dá ter uma noção do que será a caminhada do próximo dia, a subida da Ladeira do Império. Depois de fazer algumas fotos na ponte voltamos pra trilha e para o trajeto de mais 30 minutos de caminhada até nosso destino final do dia. Passamos pela entrada do Vale do Cachoeirão e vimos às ruínas de uma antiga escola que havia no local, Dimi comentou que assistiu a jogos da Copa do Mundo no lugar, muito tempo atrás.

Chegamos à casa do Senhor Joia no final da tarde, o sol já estava querendo se por todos fomos acomodados nos quartos do alojamento e deu-se início à fila para o banho. Claro, não podemos deixar de comentar que tomamos uma bela rodada de licor de gengibre do César e preparamos novamente aquele chimarrão loco de bueno para todos. Enquanto isso, Dona Léo, esposa do Senhor Joia veio ao nosso encontro falando que o jantar já estava pronto, pois haviam passado para ela à informação que estaria chegando o grupo do Guia “Nito”, e como este guia não é cozinheiro como o Dimi, ela fez comida pra toda galera. Apesar do mal entendido entre os guias, o Dimi conversou com a Dona Léo e acertou tudo com ela. Enquanto esperávamos pela hora do jantar, tomamos alguns goles de uma “purinha” oferecida gentilmente pelo Senhor Joia, uma aguardente de fazer arrepiar os cabelos, mas foi bom para abrir o apetite. Não dá pra deixar de comentar que o Garbin passou por um sofrido “ataque de flatulências”, cada um que passava ele pedia para “puxar” seu dedo indicador e o resto acho que não é necessário explicar, dá para imaginar (já que o cheiro, ainda bem que ficou lá na chapada). Todos derem pelo menos uma cabeçada nos marcos das portas (exceto a Jani, Hehehe), pois as portas da casa foram projetas apenas para pessoas de baixa estatura.

Jantar servido, mais uma grande fartura alimentar, a Dona Léo preparou um verdadeiro banquete para nós, pratos quentes, saladas, o feijão e a massa estavam uma delícia. Durante o jantar combinamos a logística para o próximo dia, todos acordando cedo para o café que marcamos para as 06h00min, por isso, após o jantar todos foram para o berço cedo descansar para o trecho final e o último dia de aventura no vale do Pati.

8º Dia – A ladeira do império

Dia 23/07 (Quinta Feira), nosso 8º dia na Chapada e o 5º e último Dia no Vale do Pati. Despertamos às 05h30min, madrugada e ainda escuro começamos a preparar nossas mochilas para a partida. Às seis horas em ponto estavam todos no café que neste dia foi mais simples para ser preparado mais rápido, mas não menos saboroso. As 06h35min estávamos saindo para a caminhada de 12 km até Andaraí, iniciando pela dura subida de quase 2 horas, a Ladeira do Império na Serra do Ramalho, uma estrada estreita e íngreme na encosta da montanha construída toda em pedra pelos escravos na época dos grandes Garimpos na Chapada Diamantina e utilizada posteriormente pelos moradores para escoar a produção agrícola do Vale do Pati para Andaraí. Para tentar equilibrar melhor o ritmo do grupo e para subirmos todos juntos, organizamos uma fila Indiana com as mulheres à frente do grupo e os homens atrás e subimos num passo tranquilo e constante.



Figura 44: Ladeira do Império

Foi a grande sacada do dia, o grupo se manteve unido até a chegada em Andaraí, isso rendeu uma rodada de sorvetes para todos por conta do Cristiano. Durante a subida conseguimos visualizar grande parte dos trajetos e lugares percorridos nos dias anteriores, o mirante e o Vale do Cachoeirão, o mirante do Castelo e o vale do Calixto, o Rio Pati até a Casa do Joia. Uma visão panorâmica sensacional! O caminho após a subida da ladeira era na maior parte formado por descidas, com trechos de trilhas nas pedras, lajes de arenito e alguns com muitas pedras no caminho, a parte final deste trajeto, já próximo à Andaraí são os conglomerados, formações de milhares de pedras aglomeradas em grandes blocos que foram retalhados e espalhados pelo terreno na época do garimpo. O trajeto final apresenta também algumas partes com grandes fendas nas pedras e um terreno bastante instável e irregular.



Figura 45: Chegada à Andaraí

Chegamos a Andaraí em torno das 11h30min, estava cumprida a missão da travessia, o Trekking de 5 dias e 4 noites através do Vale do Pati estava concluído, era notável a satisfação de todos. Foi a maior aventura da vida para alguns, foi o maior número de dias sem um banho quente para muitos, foi a maior quantidade de dias caminhando para a grande maioria, o grande desafio estava finalizado. Conforme combinado, fomos direto para a sorveteria e saboreamos os mais variados e inusitados tipos de sorvete, alguns foram ligar para os seus familiares avisando que estava tudo bem e os demais aguardaram as conduções para nossa partida rumo à Igatú.

Hora de ir pra Pousada. Alguns foram de Veraneio, outros foram de Doblô, a estrada de pedras que dá acesso à pequena Igatú não permite trafegar com muita velocidade, andamos na faixa de 20 a 30 km/hora, chegamos a Igatú pouco depois das 13 horas. Os veículos acabaram separando-se na viagem e os integrantes da Doblô chegaram antes na cidade e foram direto pra Pousada, a turma da Veraneio que chegou mais tarde desembarcou na rua central, imediatamente Cristiano foi até o Restaurante Água Boa (indicação do Dimi) para verificar se estava aberto e se ainda era possível comermos algo, confirmada a possibilidade voltou logo para buscar os demais Índios para o almoço. Antes do rango muitas cervejas, sucos de Goiaba e Abacaxi deliciosos, além disso, fizemos a tradicional “vaquinha” para arrecadar uma gorjeta para o querido Carlitos, elaboramos também um cartão com algumas palavras de agradecimento e todos assinaram. A fome de todos era grande, o esforço da caminhada até Andaraí exigiu um gasto energético elevado, no entanto, o almoço demorou demais para ficar pronto e as porções de todos foram servidas juntas em um único recipiente, isso fez com que demorasse ainda mais para que todos pudessem se servir. Tudo bem, todos comeram o necessário. Após a refeição, fizemos a homenagem ao Carlitos lhe entregando o cartão e o valor arrecadado entre todos, ele ficou tão emocionado que até esqueceu os nomes da

maioria do pessoal, chamou a Viane de Elena e ficou todo encabulado diante da situação. Dali partimos caminhando alguns metros até a Pousada Pedras de Igatú, alguns já haviam tomado suas acomodações na chegada de Andaraí e os demais também foram encaminhados para seus quartos.



Figura 46: Pousada Pedras de Igatú

A Pousada Pedras de Igatú é requintada, tem um ótimo atendimento, piscina natural, sauna os quartos são distribuídos no formato de sobrados, um ao lado do outro, todos com varanda e vista para os jardins. Alguns arriscaram um banho na piscina gelada, outros ficaram no quarto descansando, mas todos haviam combinado encontro com o Dimi às 17 horas na frente da pousada para conhecer as ruínas históricas de Igatú (lugar que tornou a cidade conhecida como a “Macchu Picchu Brasileira”), casas de pedra construídas pelos garimpeiros há muitas décadas. Dimi nos conduziu até o local juntamente com a sua esposa Michele e nos contou um pouco da história com um lindo arco íris decorando o cenário ao fundo. Um momento muito marcante que certamente todos irão lembrar por muito tempo. A noite estava quase chegando quando fomos ao pequeno museu com artefatos e peças encontradas por pesquisadores, um acervo belíssimo retratando como era e como funcionava o garimpo em Igatú, para encerrar, tomamos um delicioso Cappuccino que era servido ali mesmo e o Dimi nos explicou como seria a logística para visita ao Buracão no nosso penúltimo dia na Chapada. Combinamos também a saída às 8 horas no próximo dia para as visitas ao Poço Encantado e Poço Azul. Retornamos para a pousada já era escuro e estava programado um jantar, encomendado especial para a Indiada comemorar a conclusão do Desafio Vale do Pati. De entrada serviram uma sopa deliciosa e muito apimentada, acompanhada com pratos quentes e saladas. Alguns beberam vinho, outros água e sucos, e depois estavam todos liberados para curtir a pequena e histórica cidade ou ir descansar nos seus quartos.

9º Dia – Poço Encantado e Poço Azul

Dia 24/07 (Sexta Feira), nosso 9º dia na Chapada e a visita aos Poços Azul e Encantado. O café da manhã na Pousada Pedras de Igatú começava às 07h00min e foi servido numa grande varanda com vista panorâmica para o cerrado da Chapada. Pouco antes das 8 horas a Van da agência Chapada Adventure Daniel já estava à nossa espera na frente da Pousada. Saímos pelo acesso secundário a Igatú, uma estrada coberta parcialmente com pedras como no acesso principal e o restante de chão batido, independente do trajeto e do veículo escolhido para chegar ou sair de Igatú, uma coisa é certa, você vai sacudir bastante, pois as pedras são bastante irregulares, mas isso faz parte da história do lugar e deve ser preservado. São cerca de 7 km de Igatú até a BA245, rodovia que liga à cidade de Mucugê ao Sul, Andaraí e Lençóis mais ao Norte pela BA142, depois são mais 30 km, parte com asfalto em boas condições e parte num misto de pedaços de asfalto com estrada de chão, uma espécie de “rodovia abandonada” até chegarmos ao Poço Encantado.

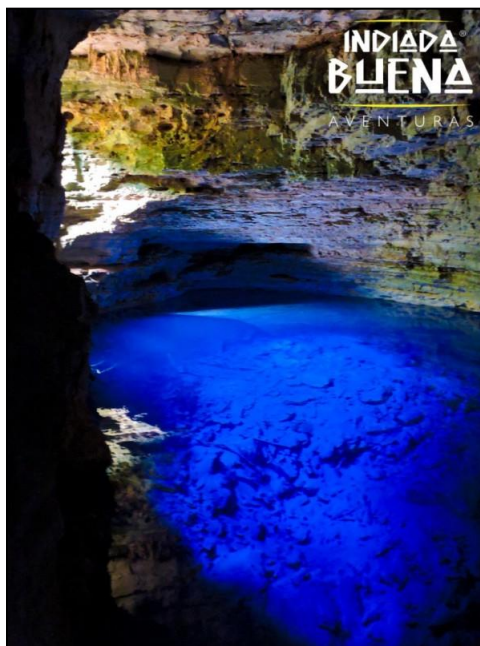


Figura 47: Poço Encantado

Ao chegar ao local nos espantamos com o baixo movimento, era em torno das 09h15 da manhã e não havia nenhum turista, fomos os primeiros a chegar, estranhamos este fato porque na viagem anterior esperamos horas na fila para poder contemplar o poço encantado. A visitação iniciava às 10 horas, então aguardamos por lá apreciando os artesanatos da Bahia. O Garbin e o Sr. Zé aproveitaram para provar algumas boinas de lã que eram vendidas no local. Fomos os primeiros a descer até o Poço Encantado, cada um recebeu um capacete com lanterna para fazer a descida na caverna. Neste local, o turista tem permissão apenas para contemplação, ou seja, não é permitido

banho e o tempo de permanência é em torno de 15 minutos. A grande atração é conseguir ver a entrada de luz solar que combinada aos minerais existentes na água forma um lindo feixe de luz azul, um cenário impressionante, principalmente para aqueles que gostam de fotografia. A melhor época para ver o raio vai do dia 01 de abril ao dia 10 de setembro e o melhor horário é das 10h às 13h30min. Para tristeza de todos os Índios o dia estava nublado, o sol até aparecia por alguns segundos, mas o esperado cenário encantador do poço não se apresentou para turma do Sul desta vez. Desejamos mais sorte neste local para a turma que vai em 2016.

Dali seguimos por mais 17 km até o Poço Azul. Para chegar ao local era preciso atravessar o Rio Paraguaçu que estava bem acima do leito normal devido às chuvas dos últimos dias, assim, nos dividimos em duas turmas e fizemos a travessia num pequeno barco.



Figura 48: Travessia do Rio Paraguaçu

Assim como no poço encantado, o Poço Azul também fica mais bonito quando as águas cristalinas recebem os raios do sol, dessa forma e como o dia continuava nublado, optamos por almoçar na esperança do tempo melhorar após o meio dia. Mas novamente o sol não apareceu, assim, por volta das 14 horas à turma da Indiada fez a flutuação no Poço Azul, todos de coletes salva vidas e snorkel puderam curtir o local por cerca de 15 minutos.



Figura 49: Flutuação no Poço Azul

Por volta das 15 horas partimos para viagem de volta à Igatú, ao chegar às margens do Rio Paraguaçu para travessia de barco havia um veículo com o som a todo vapor tocando um “arrocha” que animou a galera. Embora tendo caminhando quase nada o dia foi cansativo para todos, chegamos à pousada no final da tarde para preparar mais uma vez o nosso tradicional chimarrão, banho de piscina para alguns, banho de sauna para outros e todos mais uma noite curtindo a pousada Pedra de Igatú. Nos reunimos na sala de estar da pousada para jogar mais um pouco de conversa fora, alguns queriam jantar, outros não tinham fome, alguns foram até o mercadinho comprar o delicioso café da Bahia, surgiu então a ideia de irmos comer apenas uma sopa. Lá foi o Cristiano negociar com a Dona Edy Lurdes, que fez uma deliciosa sopa para toda turma, a prova disso é que não sobrou nada. Aproveitamos e já marcamos também o jantar para o dia seguinte. Pança cheia mais uma vez partimos de volta para a pousada para mais uma noite de descanso. Estavam todos ansiosos para conhecer a famosa Cachoeira do Buracão, um dos principais atrativos da Chapada Diamantina.

10º Dia – Buracão, aí vamos nós.

Dia 25/07 (Sábado), nosso 10º dia na Chapada e a caminhada rumo ao Buracão. Acordamos cedo para o café na pousada, nosso transporte já estava à nossa espera ao lado de fora. Saímos de Igatú às 07h45min rumo à cidade de Ibicoara onde fica localizada a Cachoeira do Buracão. Nosso motorista da vez era o Niu, um baiano muito tranquilo que nos conduziu até o local (nosso transporte foi feito com uma D20 adaptada para transportar 10 pessoas e os outros 4 integrantes foram de Fiat Uno Mile – Um Luxo!). Foram 100 km de asfalto de Igatú até Ibicoara. Uma breve parada na padaria da cidade para comprar o nosso almoço e encontrar com os Guias “Binho” e “Bidula” que são parceiros do Dmitri na condução de grupos, irmãos e nativos que conheciam tudo do lugar e eram muito atenciosos com todo grupo. Após as compras de lanches e mais alguns pacotes de café da Bahia, partimos com nosso transporte para mais 30 km de estrada de chão batido de Ibicoara até o Espalhado (estrada muito ruim). No caminho Niu nos contou que era vizinho do Carlitos e falamos do nosso mais novo amigo por um bom tempo.



Figura 50: Chegada ao Buracão

Chagamos ao Parque do Espalhado por volta das 11 horas, o local destaca-se entre os atrativos naturais, com diversos saltos, cânions e cachoeiras. Sua principal atração é a Cachoeira do Buracão, com 85 m de altura, considerada uma das mais bonitas de toda a Chapada Diamantina. A trilha de 3 km margeia o Rio Espalhado, as cachoeiras do Recanto das Orquídeas, do Recanto Verde e a travessia do cânion até o poço do Buracão. Lugar Incrível! A expectativa de todos era grande, o Rio aqui também estava com volume de água maior do que o normal. Chegando ao Cânion recebemos às instruções dos Guias, Cristiano entrou pelas pedras ao lado direito para fotografar o pessoal que foram subindo nadando (todos equipados com coletes) pelo corredor de água que descia do poço, devido ao volume de água a correnteza estava forte a água muito gelada.

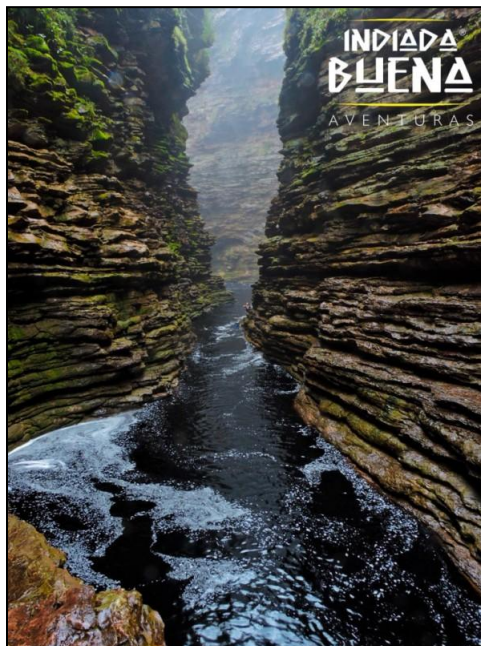


Figura 51: Cânion do Buracão

A adrenalina tomou conta da Indiada, o local era muito mais lindo e impressionante do que as fotos mostravam, porém, havia bastante vento e muito vapor d'água vindo da cachoeira. Era muito difícil fotografar, mas, na medida do possível tiramos pelo menos uma foto de cada Índio no local e logo depois voltamos pelo mesmo canal que entramos, pois estavam todos batendo os queixos de frio. Apesar do grande volume de água e do frio, todos saíram do local muito satisfeitos com a experiência vivida, certamente estar neste lugar foi para fechar a aventura com chave de ouro.



Figura 52: Cachoeira do Buracão

Esforço na água dá muita fome na Indiada e já havia passado do meio dia, assim, subimos de volta pelo mesmo caminho e almoçamos no alto das pedras com uma linda vista panorâmica do cânion. O almoço era o Sanduba comprado na padaria pela manhã e algumas frutas que levamos de Igatú. Almoçamos debaixo de sol e calor e logo em seguida fizemos a trilha retornando pelo mesmo trajeto. No estacionamento do Parque do Espalhado nos despedimos dos nossos condutores e partimos para longa viagem de volta.



Figura 53: Retornando à Igatú

O sol do final da tarde batendo nos paredões da chapada mostrava lindas paisagens à nossa frente. Fizemos uma parada rápida em na pequena cidade de Mucugê para fazer um lanche e ir ao banheiro e dali seguimos de volta para Igatú. Chegamos para nossa última noite na Pousada Pedras de Igatú, combinamos de nos encontrar para o jantar na recepção da pousada às 20 horas, todos sempre pontuais, partimos juntos novamente para o restaurante da Dona Edy Lurdes. O jantar foi uma grande fartura, comida caseira, quentinha e muitas opções para todos se deliciarem. Já pegamos até o telefone da Dona Edy Lurdes para programar com ela as refeições da próxima viagem em 2016. Após o jantar, alguns foram ouvir as histórias do Seu Guina no seu bar na esquina da rua principal, outros foram pra pousada descansar e assim terminava nosso último dia de Aventuras na Chapada Diamantina, restava apenas a viagem de volta para a Serra Gaúcha - Rio Grande do Sul.

11º Dia – Hora de voltar pra casa

Dia 26/07 (Domingo), nosso 11º dia na Chapada e a viagem de volta. Acordamos não muito cedo para o café na pousada, pois nossa saída estava marcada para as 10 horas. Para alguns ainda deu tempo de tirar algumas fotos nas ruínas da cidade. Antes de partir ainda deu tempo de dar um pulinho na casa do Dimi pra ajudar na construção e fizemos uma foto, cada um segurando uma pedra, além disso, deixamos alguns bilhetes de agradecimentos debaixo da porta.



Figura 54: Ajudando na construção

A Van estava à nossa espera no horário marcado. Seguimos rumo à cidade de Lençóis chacoalhando mais um pouco na saída de Igatú e depois entramos na BA-142. São cerca de 110 km de estrada pavimentada. Chegamos à cidade de Lençóis pouco depois do meio dia para almoçar e fazer as últimas compras. Aproveitamos para comprar embalagens plásticas para as nossas mochilas (economizamos vários R\$ evitando às embalagens oferecidas no aeroporto). Nosso voo estava marcado para as 15h05min e foi pontual. Desta vez o trajeto foi por São Paulo via aeroporto de Guarulhos, o voo decolou da Bahia logo após as 18 horas com chegada prevista em São Paulo para às 20h50min, e o último trecho saindo de São Paulo às 21h40min chegando a Porto Alegre às 23h20min. Tudo correu muito bem, voos tranquilos e uma grande aventura estava quase chegando ao fim, faltava apenas os 120 km da Capital dos Gaúchos até a nossa Bento Gonçalves Querida na Serra. Chegamos por volta da 1 hora da madrugada, todos cansados, exaustos da viagem, mas grandes lembranças da Indiada na Chapada e com os cartões de memória cheios de belas imagens.

Mapa Trekking Vale do Pati

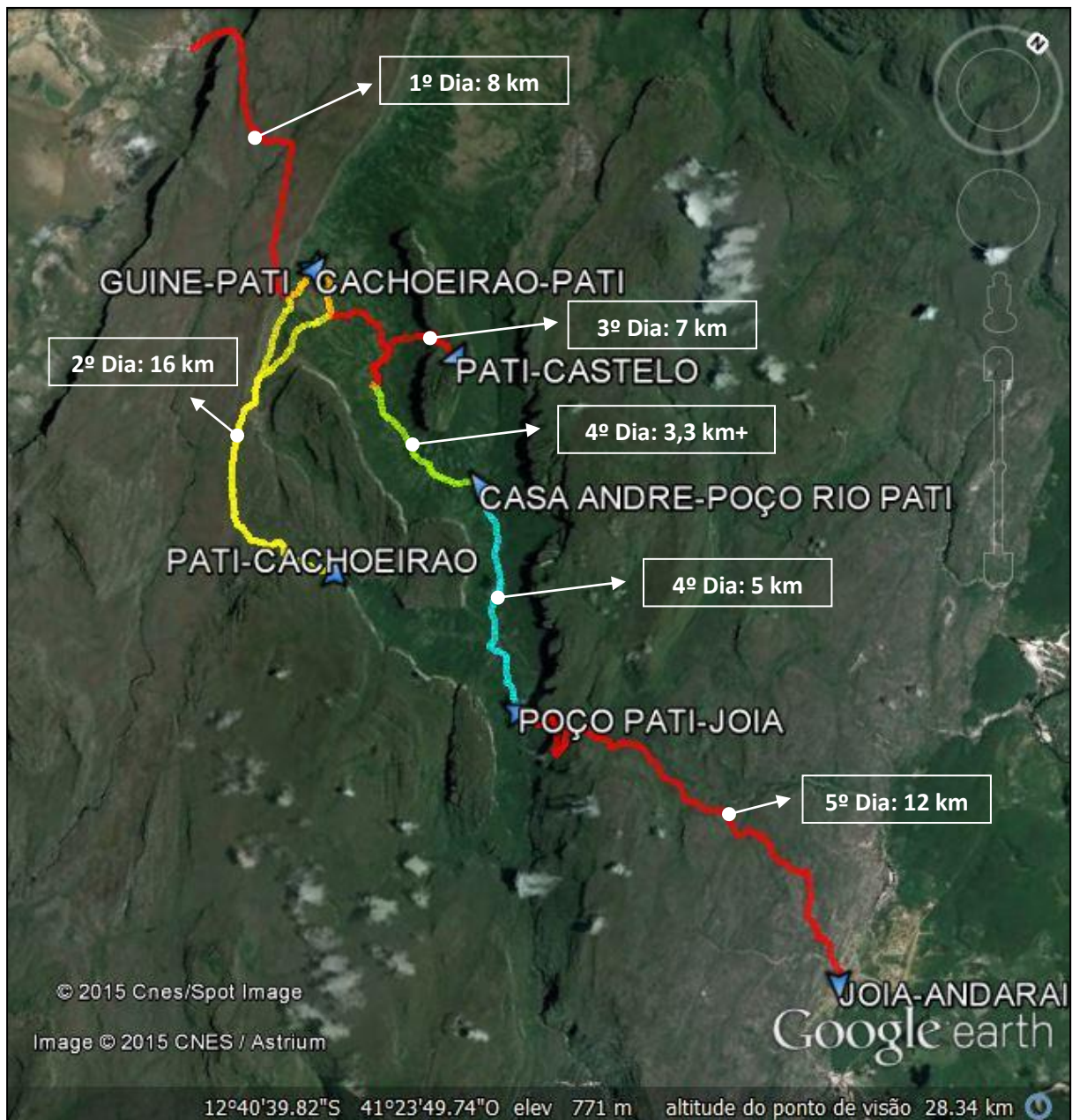


Figura 55: Mapa Trekking Vale do Pati

Mapa Turístico Chapada Diamantina

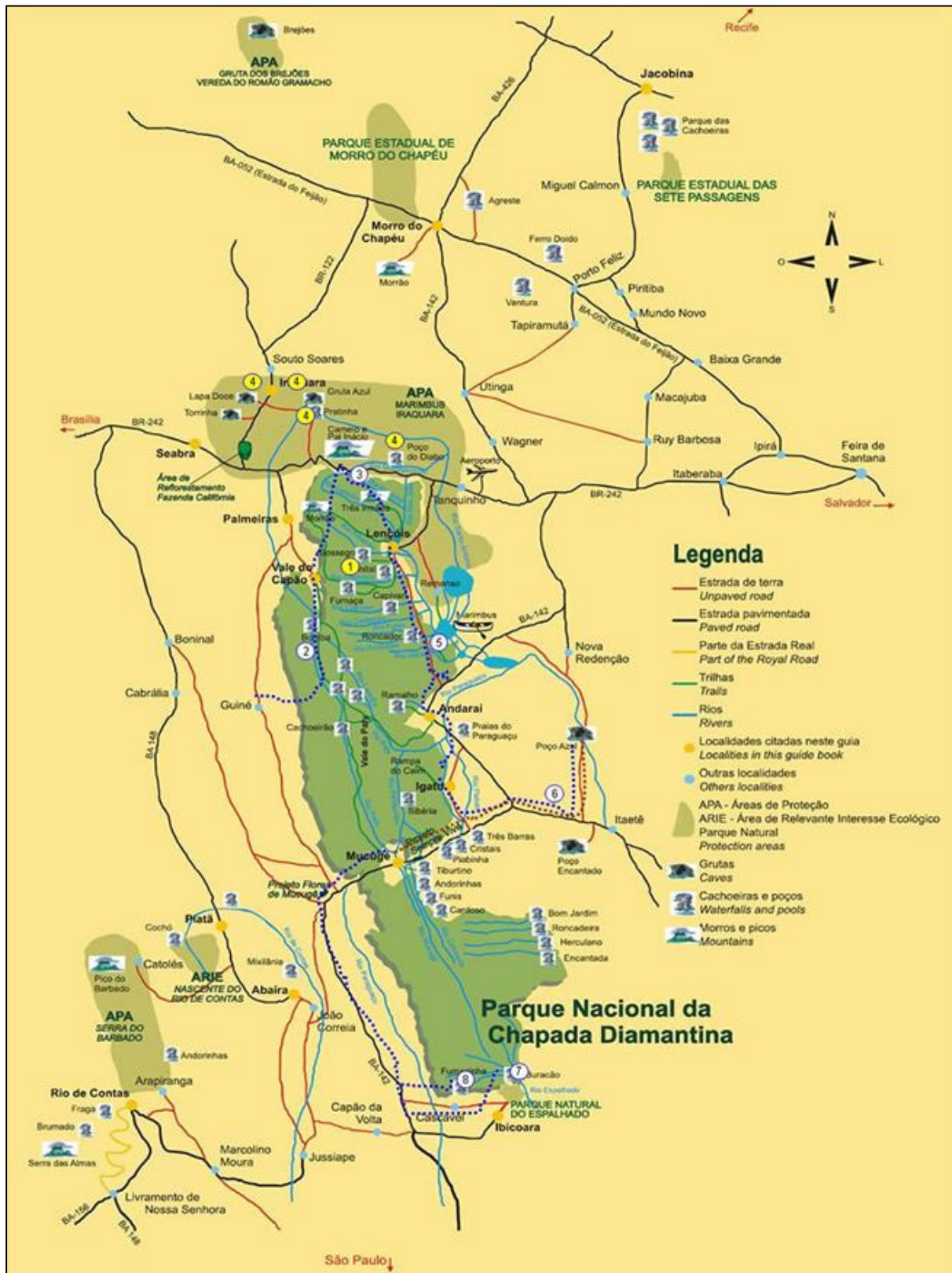


Figura 56: Mapa Turístico Chapada Diamantina

Depoimentos dos Índios

“O que falar daquele lugar? daquelas pessoas? Difícil ter palavras para descrever a magnitude da Chapada Diamantina. Certamente jamais vou esquecer-me das belezas naturais, mas o que mais me marcou foram às pessoas, elas não tinham muito, mas, eram felizes com o que tinham. Povo humilde, acolhedor e que o maior prazer deles era em contar histórias. Ainda vou voltar pra lá, pois estar num lugar daqueles apenas uma vez é muito pouco. Obrigada Indiada Buena por nos proporcionar uma Aventura dessas.”

(Raquel Reginato – Guaporé)

“Ser índio é ser simples, é ser parceria, é respirar natureza. Esta Indiada foi muito interessante, pois tivemos muitos bons momentos de convivência com pessoas maravilhosas. Numa das manhãs no Vale do Pati a Raquel me chamou, e pensando que seria alguma foto fui ao encontro dela, mas era para me felicitar pelo meu aniversário, à noite na casa do André ainda tive a grata surpresa do bolo oferecido pelo Dmitri e sua equipe. Vale do Pati, aniversário, Indiada Buena, uma bela recordação. Fascinante! Fiquei infinitamente feliz e agradecido.”

(José Uldemar de Camargo – Bento Gonçalves).

“Minha experiência com a viagem à Chapada Diamantina foi sensacional, você descobre que não precisa de muito para ser feliz, na verdade aprende que precisa de muito pouco para isso. A cada lugar que se conhecia ficava um sentimento de como tenho a sorte de poder estar aqui, aí se o trajeto até o local foi difícil, chuvoso ou barrento, não importava mais, na verdade se tornava até divertido, ainda mais com a galera que estava junto, parceria é tudo! Acordar com aquele visual todos os dias, foi sem dúvida umas das coisas que mais me recordo, aquele lugar tem uma energia indescritível, será sem dúvida uma viagem que ficará marcada para sempre na minha memória. Só tenho a agradecer pela oportunidade e companheirismo da galera da Indiada!”

(Maria Grosselli Marson – Bento Gonçalves).

Algumas Dicas Importantes

Dica	Item	Detalhamento
1	Documento de Identidade	Levar Documento de Identidade ou Carteira de Motorista. Quem não tiver documento consigo não consegue fazer o Check In no Aeroporto, e não tem Choro. Não embarca, portanto, não se esqueça do seu documento.
2	Dinheiro	Levar dinheiro em espécie. São poucos lugares da Chapada que possuem opção de pagamento com cartão. Levar aquilo que julgar suficiente conforme costuma gastar em viagens (creio que uns 500 Pilas cada um seja o suficiente). No entanto, dinheiro nunca é demais, então, pense bem nesse quesito.
3	Mochila / Despacho	LEVAR APENAS UMA MOCHILA PARA A VIAGEM! Aconselhamos Mochilas da marca DEUTER no tamanho de 40 a 55 Litros. Essa mochila ficará conosco na maior parte do tempo, portanto, organizar bem e levar só o que for estritamente necessário. A mochila será despachada no sistema de bagagens do Aeroporto. Observar atentamente a Lista de "Apetrechos" enviada pela organização referente aos itens que devemos levar. Interessante embalar as Mochilas em Sacos Plásticos Grandes para evitar danos e extravio de pertences durante o despacho.
4	Volumes de Mão	Na mão, levar apenas documentos, dinheiro, câmera fotográfica, preferencialmente numa pochete ou sacola pequena que possa ser guardada na mochila grande depois. Aconselha-se levar um Casaco leve para usar no voo, pois o ar condicionado do avião às vezes é bastante frio.
5	Vestuário Viagem (Ida/Volta)	Para não levar roupas em excesso, aconselha-se usar os mesmos trajes de viagem ida e volta. Usar roupas leves e confortáveis. Sugere-se levar sacos plásticos para embalar as roupas na chegada e mantê-las limpas e secas para serem usadas na Volta. Usar o mesmo calçado Sempre. Não se esquecer de levar um Chinelo.
6	Peso / Volume	Todos devem LEMBRAR que é preciso carregar nossas Mochilas quase o tempo todo, então, quanto menos PESO, melhor. Levar coisas desnecessárias e uma mochila muito pesada pode tornar o passeio "Sofrido e Cansativo" e não é esse o desejo de ninguém, portanto, organize-se, pense nisso e leve somente aquilo que for indispensável.
7	Check In	Fazer o WEB CHECK IN de todos antecipadamente. Isso agiliza bastante o processo de embarque e o despacho, principalmente se tratando de grupos.
8	Roupas de Banho	Aconselha-se usar roupas de banho por baixo durante os trechos de caminhada, pois serão muitos os Locais para banho de rio e cachoeira e isso melhora o aproveitamento do tempo e do passeio. Interessante levar um pedaço de Sabão neutro para lavar roupas.
9	Lanche	Durante a caminhada de cinco (5) dias no Vale do Pati, faremos diariamente 3 Refeições (Café da Manhã [REFORÇADO], Almoço [LANCHE] e Jantar [COMIDA QUENTE]), por isso, para os mais "esfomeados" aconselho levar pequenos lanches para aquelas horas que bate a "broca" (mariolas, barras de cereal, biscoitos, rapaduras, torrões, castanhas, frutas secas, coisas leves e práticas).
10	Travessia do Vale do Pati	Na travessia do Pati, dormiremos nas Casas/Alojamentos dos Nativos, nos locais há roupas e cama e colchões, em alguns locais há camas e o banho é com água fria. A noite costuma fazer Frio na Chapada, portanto, é prudente levar um casaco ou fleece. Protetor Solar e Repelente é importante. Em alguns locais há tomadas para recarregar as baterias da sua câmera, levar "Ts" (adaptadores) para aumentar as possibilidades de conexão nas tomadas. Levar cordinhas para estender suas roupas e alguns prendedores. Levar lanternas. Levar remédios comuns para dor de cabeça, diarreia, enjoo, sal de frutas, dor de estômago, analgésicos, band-aids, etc e medicamentos de uso pessoal.

Considerações Finais

Muitas histórias pra contar. É bom lembrar momentos que vivemos e aproveitamos muito cada minuto. A Indiada na Chapada 2015 foi um Sucesso! Apesar de o tempo ter sido chuvoso e frio alguns dias, conseguimos ter um excelente aproveitamento da viagem. Faltou o raio de sol no poço encantado, mas não faltou animação pra dançar “na laje” em Lençóis.

É muito bom olhar pra trás e ver que conseguimos executar plenamente tudo que foi planejado, e que conseguimos superar os contratemplos que foram surgindo pelo caminho. Uma viagem como esta nos apresenta pessoas, costumes e tradições muito diferentes daquilo que temos em nosso dia a dia, saímos totalmente da rotina, isso proporciona para cada participante muitas oportunidades de aprendizado e a necessidade de se adaptar às situações e tentar ver as coisas sob diferentes pontos de vista. Lindas paisagens, gastronomia, animais, pequenas cidades, tudo é infinitamente mais bonito do que aquilo que vemos nas fotos, livros ou na televisão, mas o que mais encanta realmente é o modo como às pessoas encaram a vida na sua simplicidade e no jeito de ser.

Esperamos que a Indiada na Chapada tenha sido uma experiência única e marcante na vida de todos os participantes, que todos possam guardar este relato como mais uma lembrança desta grande aventura que fizemos juntos, que todos possam compartilhar com amigos e familiares os melhores momentos e histórias que vivemos.

Deixamos aqui registrado o nosso tradicional Forte Abrassssssssssss a todos os participantes, índios e pessoas que acompanham e apreciam nossa programação e as nossas aventuras. Nosso muito Obrigado por escolher a Indiada Buena para fazer parte da sua vida e para lhe oferecer esta grande aventura que foi Trekking do Vale do Pati e os outros locais que conhecemos na Chapada. Valeu! Até a próxima...

”

Autor (Criação e Edição): Cristiano da Cruz.

Fotos: Cristiano da Cruz e José Uldemar Camargo.

Novembro/2015.